#NÃOVAITERGOLPE

ABRA A CÂMERA, APONTE O CELULAR PARA O CÓDIGO ABAIXO, ASSINE A CARTA E AJUDE A DEFENDER A DEMOCRACIA

DEMOCRACIA, UM VALOR INALIENÁVEL

O **Brasil se une de forma firme e indiscutível** contra os ataques de Bolsonaro ao sistema eleitoral e ao Estado de Direito. O dia **11 de agosto** marcará de forma decisiva a **resistência da sociedade civil** frente à ameaça de um golpe patrocinado pelo presidente

Autorregulação
ANBIMA
Distribuição de Produtos
de Investimento
Fone Fácil Bradesco: 4002 0022/0800 570 0022. SAC - Alô Bradesco: 0800 704 8383.
bradesco

ENTREVISTA

HENRIQUE MEIRELLES

Economista e ex-ministro da Fazenda

"ENTRE LULA E BOLSONARO, VOTO EM LULA"

Ex-presidente do Banco Central no governo Lula, ex-secretário da Fazenda do Estado de São Paulo e ex-executivo do setor financeiro, o economista Henrique Meirelles criou o respeitado teto de gastos quando foi ministro da Fazenda no governo de Michel Temer. Passou os últimos meses oscilando entre os planos de uma candidatura ao Senado por Goiás e a possibilidade de ser candidato a vice-governador de São Paulo na chapa de Rodrigo Garcia (PSDB), mas decidiu ficar fora da disputa eleitoral. Nesta entrevista, ele faz uma árdua defesa do teto de gastos, alvo de ataques por parte de alguns presidenciáveis, como Bolsonaro e Lula, os dois candidatos com mais chances de se elegerem presidente. Com críticas ao atual mandatário, o ex-ministro faz projeções de como será o início do novo presidente que assumir em 2023. "Será essencial retomar a disciplina fiscal, o teto de gastos, para recuperar a confiança na economia brasileira. Será difícil porque isso terá de ser feito em um mundo que provavelmente estará em recessão", disse Meirelles nesta entrevista à ISTOÉ.

Por Mirela Luiz

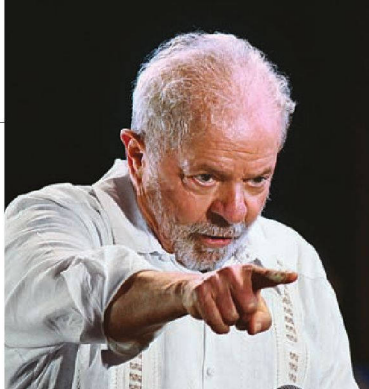
PRIVATIZAÇÕES
"A Petrobras precisa ser privatizada, mas antes deve ser dividida em empresas menores", diz Meirelles

Qual a sua opinião sobre a carta aos brasileiros subscrita por empresários, economistas, juristas, intelectuais e demais signatários da sociedade civil?

O Winston Churchill já dizia que "a democracia é o pior regime político com exceção de todos os outros". Isto significa entre outras coisas que a democracia é a melhor forma de resolver posições políticas divergentes. Portanto, penso que a carta aos brasileiros está correta.

O senhor acha que devemos temer um golpe de estado por parte de Bolsonaro e por isso a sociedade civil

FOTOS: JOÃO CASTELLANO; ANDRÉ BORGES/NURPHOTO/GETTY IMAGES

deve se organizar para lutar pela democracia?
Ele tem feito esta ameaça constantemente, mas penso que as instituições, inclusive as Forças Armadas, não vão permitir que isto aconteça. Independentemente disto, a sociedade civil deve sempre que necessário estar mobilizada para defender a democracia.

"Eventual governo Lula assumirá em meio a uma situação econômica muito difícil e exigirá medidas fortes"

Na prática, o presidente Bolsonaro acabou com o teto de gastos e tanto ele quanto o ex-presidente Lula prometem eliminar o dispositivo se forem eleitos. Quais serão as maiores consequências?
As consequências são simples, basta olhar o Brasil antes de o teto ser criado, em 2016. O gasto público federal cresceu a uma taxa real de 6% entre 1997 e 2016, bem acima do crescimento da economia. Isso é insustentável. Quando eu assumi o Ministério da Fazenda, em maio de 2016, nos 12 meses anteriores o PIB havia recuado 5,2%, uma das maiores quedas da história recente de um País que não estava em guerra. O descontrole fiscal do governo Dilma fazia com que o risco-país estivesse em alta desde 2013, os investidores não confiavam no Brasil. Gasto público sem controle não leva a crescimento, leva à recessão e perda de empregos. Sem teto de gastos, o Brasil pode ir pelo mesmo caminho.

O senhor vê necessidade de alteração na regra do teto?
Não. Não vejo necessidade de nenhuma modificação no teto de gastos. A Constituição define que em 2026 ele pode ser renovado ou modificado. Se começarmos com isso agora, virão muitas ideias e o que acontecerá é que a regra será afrouxada. O que precisa ser feito é respeitar o teto de gastos. Uma vez me disseram "o teto está desmoralizado". Eu corrigi: "Não, é a política fiscal que está desmoralizada". O teto de gastos foi muito desrespeitado nos últimos três anos e, mesmo assim, faz efeito. Repare: nos últimos dias, a curva de juros futuros subiu porque o mercado percebeu que a 'PEC Kamikaze' deu ao governo R$ 41 bilhões em gastos eleitoreiros fora do teto de gastos. Ficou claro que o governo está sendo leniente na política fiscal. Está mais caro para o Tesouro colocar seus papéis no mercado.

O senhor acredita que 2023 será tão desafiador para o governo quanto 2003?
Sim. A semelhança entre 2003 e 2023 é a inflação elevada. A diferença é que em 2003, a inflação era produto do câmbio, pela desconfiança em relação à capacidade de pagamentos do Brasil, decorrente principalmente da perspectiva eleitoral; agora é produto da política fiscal frouxa e da desorganização das cadeias produtivas. Será essencial retomar a disciplina fiscal, o teto de gastos, para recuperar a confiança na economia brasileira. Será difícil porque isso terá de ser feito em um mundo provavelmente em recessão. Além disso, existe a dificuldade de encerrar os benefícios concedidos agora pelo governo, que ampliam enormemente os gastos públicos.

Quais serão os efeitos da 'PEC Kamikaze' a partir de 2023?
Se não houver nenhuma reforma, nós teremos uma deterioração continuada, com perda de confiança, aumento do risco Brasil e inflação elevada.

Quais serão os maiores desafios para o próximo governo?
Serão o restabelecimento da disciplina fiscal e a recuperação da confiança no País, além do controle da inflação.

A alta da inflação tem desafiado todos os prognósticos, inclusive do Banco Central. Há o risco de esse problema voltar a ser endêmico no País?
Sim. Caso não seja restabelecida a disciplina fiscal, nós teremos a volta dos problemas que o Brasil viveu durante muito tempo, basicamente um risco-país elevado, taxa neutra de juros elevada em consequência da questão fiscal. Neste contexto, o Banco Central fica num dilema de ter de manter os juros num nível tão elevado que o País não cresce.

Com a inflação em alta, o senhor acha que os juros devem continuar nas alturas? Há economistas prevendo uma taxa Selic superior a 14%. O senhor acha que a inflação só vai cair no futuro governo?
O maior problema no combate à inflação no Brasil é termos uma política monetária em uma direção e a política fiscal em outra, isto é, os juros estão altos enquanto os gastos públicos continuam aumentando. Com isto, não há outra solução a não ser o BC elevar os juros e mantê-los altos.

O governo tem atrapalhado o combate à inflação?
Sim. O Banco Central tem feito a sua parte. Não há outro caminho se não elevar a taxa Selic até o nível necessário para controlar a inflação. Este nível poderia ser menor se o governo fizesse sua parte na política fiscal: os níveis não precisariam >>

subir tanto e os efeitos colaterais – redução do crescimento do nível de atividade, da geração de empregos, etc – seriam menores. Mas o governo está fazendo justamente o contrário ao injetar mais R$ 41 bilhões em gastos eleitoreiros. As consequências podem ser graves e levar ao baixo crescimento.

Em 2023, com a perspectiva da economia brasileira aprofundar sua crise e o mundo entrar em recessão, o senhor acha que os investidores estrangeiros podem bater em retirada do País?

Uma recessão global vai levar a uma queda de investimentos generalizada, inclusive no Brasil. Aqueles investidores que já têm operações no Brasil, vão mantê-las enquanto for possível.

Com a guerra da Ucrânia avançando, os preços dos combustíveis deverão continuar subindo. Quais são os prejuízos que podem acarretar para a economia nacional?

O maior custo dos combustíveis impacta diretamente a inflação, que afeta produtores e consumidores. Os produtos e serviços ficam mais caros e os salários compram cada vez menos. Isto atinge toda a população particularmente a de menor renda, que tem cada vez mais dificuldade de sobrevivência.

O senhor tem dito que há reformas essenciais a serem feitas para uma estrutura social e econômica eficaz. Quais seriam elas?

Primeiro, a reforma administrativa, cortando o custo de financiamento da máquina pública. Existe espaço para que isso aconteça, de maneira a gerar recursos para investimentos em programas sociais e de infraestrutura. Além disso, uma reforma tributária que não vise apenas impostos federais, mas também os estaduais e municipais. Me parece que a PEC 45, com o substitutivo que é produto de um acordo unânime entre os estados pela primeira vez em 30 anos, é a melhor opção. Ela resolve o grande problema da complexidade tributária no Brasil, abrindo espaço para o aumento da produtividade e da taxa potencial de crescimento.

O que o senhor acha da polarização da política atual? Como vê o andamento das eleições desse ano?

A polarização da política brasileira é um fato. As pesquisas indicam hoje que há uma provável vitória do Lula.

Nenhum candidato do MDB a presidente ultrapassou 4% dos votos historicamente. Simone Tebet vai conseguir mudar esse quadro?

O cenário para a candidata Simone Tebet é desafiador.

Com a ausência de João Doria (PSDB) no pleito e um provável segundo turno entre Lula e Bolsonaro, qual será o seu voto se tiver de optar entre esses dois candidatos?

Lula, apesar de a campanha dele estar fazendo críticas equivocadas ao teto de gastos. Comparando as gestões do Lula com a do Bolsonaro, os anos de 2003 a 2010, quando fui presidente do Banco Central, foram os melhores da história recente, com crescimento, inclusão social e responsabilidade fiscal. Quanto às críticas ao teto de gastos, etc, espero que a realidade prevaleça novamente.

O senhor postula a posição de vice do governador Rodrigo Garcia na disputa pela reeleição em São Paulo?

Não.

Qual sua avaliação sobre a pressão de Bolsonaro sobre a Petrobras? É necessário privatizar a estatal?

A solução de todo problema depende 50% da estratégia e 50% da execução. A pressão sobre a Petrobras não ajuda em nada: prejudica a empresa no mercado e não resolve o problema do preço dos combustíveis, que é bem mais complexo do que colocar um presidente na empresa que impeça reajustes. A Petrobras precisa ser privatizada, mas antes precisa ser dividida em empresas menores. É preciso dividir a Petrobras antes de privatizar, para que o preço ao consumidor seja decidido na competição. Não adianta vender a Petrobras e trocar um monopólio estatal por um monopólio privado.

"Ao injetar mais R$ 41 bilhões em gastos eleitoreiros, Bolsonaro perde o controle fiscal e pode levar ao baixo crescimento"

FOTO: ADRIANO MACHADO/REUTERS/FOTOARENA

O senhor acha que eventual governo Lula pode assumir em meio a uma verdadeira herança maldita?

Não há dúvida que será uma situação econômica muito difícil e que exigirá medidas fortes logo no início do governo.

O que representaria uma reeleição do presidente Bolsonaro para o País?

Após três anos e meio de gestão, o governo mostrou sua linha de pensamento, atuação, prioridades e objetivos. Assim, um segundo mandato sugere que a forma de trabalhar seguiria a mesma pelos quatro anos seguintes. ■

Carlos José Marques, *diretor editorial*

JOVENS E MULHERES DIZEM NÃO A BOLSONARO

A menos de dois meses do resultado nas urnas, salta aos olhos a alta rejeição alimentada pelo estrato maior da sociedade – composto por mulheres e jovens – contra a reeleição do candidato do Planalto, Jair Bolsonaro. Ele não emplaca qualquer vantagem estatística nesses dois principais segmentos do eleitorado. Dias atrás, mais uma pesquisa Datafolha dava conta do fosso que separa o capitão daqueles votantes na faixa etária de 16 a 29 anos. Reside ali um monumental muro de resistência. Mais de 67% da juventude dizem que não votariam nele de jeito algum. Nos índices das intenções, 51% manifestaram preferência pelo opositor, Lula, ante apenas 20% dos que optaram por Bolsonaro. O resultado é desalentador e mina de forma acachapante os planos de Messias. O recorte evidencia que em ao menos 12 capitais, dada a dianteira e o tempo restante, muito dificilmente qualquer virada de placar é possível nesse segmento. E é um bloco considerável do universo de pessoas aptas ao pleito de outubro próximo. Pelo menos 27,6% dos votantes estão nesse miolo etário da pirâmide. As coisas só pioram quando verificado o desempenho do mandatário no conjunto feminino, que compõe a maioria absoluta do colegiado.

Cerca de 53% dos 156,4 milhões de indivíduos habilitados para outubro próximo são mulheres. E aí, nessa camada, a resistência é sem precedentes. Nada menos que 61% delas pedem o "fora Bolsonaro". Na ponta dos números, de cada quatro eleitoras, três não pretendem tê-lo em um novo mandato presidencial. Dada a fatia majoritária desse público no total daqueles que irão decidir quem comanda o Brasil a partir de 2023, já é possível prever como remotíssimas as chances do "mito" seguir na cadeira que hoje ocupa. E não é para menos que a insatisfação feminina assuma proporções diluvianas. O capitão é um misógino convicto e irreparável. Demonstrou tamanho pendor em inúmeras ocasiões. Em sua verve absolutamente desconjuntada – sem noção do ridículo – alega que elas não votam nele por não gostarem de motociatas. Já chegou ao cúmulo do absurdo de dizer que "as mulheres estão praticamente integradas à sociedade". Como se estivesse a tratar de algum tipo de animal irracional, inferior ao perfil por ele aclamado do tal "macho alfa". Buscando consertar o estrago do comentário pretérito – com o qual também já se referiu aos indígenas, diga-se de passagem –, declarou, dias atrás, que as mulheres conseguiram "quase tudo" que queriam no seu governo. A maioria ficou sem entender a que ele se referia. No histórico de gafes notórias e ataques aos direitos femininos, Bolsonaro já fez apologia ao estupro, à agressão física explícita contra muitas delas (algumas jornalistas e colegas parlamentares, por exemplo) e afrontou a dignidade da maioria negando políticas públicas essenciais como a do combate à miséria menstrual. No último Dia Internacional da Mulher, em maio passado, manifestantes carregavam faixas com o lema "Pela Vida das Mulheres, Bolsonaro nunca mais!". Em discussão com a advogada Conceição Aparecida Aguiar, o presidente partiu covardemente para as vias de fato, batendo nela pelas costas. Sexista clássico, em programa de entrevista com a cantora Preta Gil, indagado sobre a possibilidade de um dos seus filhos se envolver com uma negra, respondeu de bate-pronto: "eu não corro esse risco". E completou: "não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Meus filhos foram muito bem educados e não viveram em um ambiente como, lamentavelmente, é o seu". Eis o capitão em estado bruto. O mesmo que já disse a uma colega parlamentar que não a estupraria porque ela "não merece". E fica a grande questão: como reverter tal histórico de patetices machistas e deploráveis para convencer que o agora candidato mudou, é outro? Difícil. Nem dá para esconder a sua natureza tacanha. Em determinada ocasião, ao ser questionado sobre a situação de trabalhadoras que decidem ser mães, deixou no ar que elas deveriam ganhar menos ou procurar outro emprego. Sobre os filhos, lembrou que tem cinco — "foram quatro homens, aí no quinto eu dei uma fraquejada e veio mulher". Bolsonaro não é menos preconceituoso quando fala de jovens e insinuou em inúmeras circunstâncias que eles deveriam ouvir os pais para aprender como votar direito. Talvez por posturas tão bizarras, acabou por incitar uma mobilização intensa daqueles que ainda não haviam tirado o título para manifestar a preferência no escrutínio deste ano. Cresceu em mais de 50% a procura pelo cadastramento e regularização do documento. O universo dos que irão votar pela primeira vez subiu de 1,4 milhão de jovens para 2,1 milhões e, no total, o eleitorado brasileiros cresceu por volta de 6,21% — compondo, assim, o maior colégio de votantes já registrado pelo TSE. De uma forma geral, o incremento na quantidade de eleitores tem, curiosamente, muito a ver com a rejeição aos métodos do atual titular do Palácio. Bolsonaro gerou antipatia e avança a resistência ao seu nome. Percebendo a perspectiva de derrota, ainda mexe as peças para reparar a rejeição. Escalou a mulher, Michelle, que tentou arrebanhar seguidoras com propaganda enganosa. Ela mentiu sobre projetos que nunca existiram, dirigidos à proteção do sexo feminino, em um esforço inútil para abrandar o currículo de equívocos do marido. A narrativa paralela soa bizarra frente às evidências. O público jovem e de mulheres não tolera a ideia de seguir adiante com mais quatro anos de diatribes tonitruantes do capitão e da turma que o cerca. ■

Sumário

Nº 2741 – 10 de agosto 2022
ISTOE.COM.BR

36

COMPORTAMENTO Distorções no ensino de história da escravidão em Portugal são um dos motivos para a ocorrência de ofensas racistas, como as feitas aos filhos da atriz Giovanna Ewbank

42

REALEZA Livro de memórias do príncipe Harry preocupa monarquia e deve ser alvo de boicote na Inglaterra

62

CULTURA O britânico Ed Sheeran quebrou um recorde que lhe deu o título de “rei do streaming”; é o primeiro artista a atingir 100 milhões de seguidores em uma plataforma musical

20 **CAPA** O dia 11 de agosto marcará de forma decisiva a resistência da sociedade civil frente aos ataques de Bolsonaro ao sistema eleitoral e ao Estado de Direito

Entrevista 4
Brasil Confidencial 14
Semana 18
Brasil 26
Comportamento 36
Economia 56
Internacional 58
Divirta-se 64
Última Palavra 66

FOTOS EDITORIAIS: BEN TAVENER/ANADOLU AGENCY/AFP; REPRODUÇÃO; MATEUS BONOMI/AGIF/AFP; SEM VAN DER WAL/ANP MAG/AFP; JOSEPH OKPAKO/WIREIMAGE

por Felipe Machado

Editor de Cultura de ISTOÉ

O PRESIDENTE NÃO TRABALHA. AINDA BEM

Essa semana li a notícia que Jair Bolsonaro acredita que será preso assim que deixar a Presidência. Pela primeira vez, sou obrigado a concordar com ele. A quantidade de crimes cometidos desde que assumiu o cargo é tão grande que a pilha de inquéritos começaria em Brasília e terminaria em Rio das Pedras. O mais curioso, porém, é ver que o presidente vestiu a carapuça: pessoas inocentes não costumam temer a prisão.

Fontes próximas têm dito que Bolsonaro anda "transtornado". Me parece um análise bastante adequada. Sua linguagem corporal não mente: está sempre nervoso, incomodado, vociferando críticas aos outros. É uma figura perturbada, que não consegue enxergar que o maior problema do País é o seu próprio comportamento. Como personagem, seria uma ótima fonte de inspiração para os humoristas. Infelizmente, o Brasil de hoje não nos dá motivos para sorrir.

Um segundo governo Bolsonaro seria uma catástrofe tão grande que dá ânsia no estômago só de imaginar. O fato de ele ter um único voto já me soa algo absurdo, mas uma vitória no voto seria uma aprovação oficial de que ele pode fazer o que quiser que sairá impune. Seria também a chance de ouro para concluir a missão de destruir as instituições brasileiras: da Polícia Federal ao Ibama; do Ministério da Educação à Funai; da Economia ao Itamaraty; da Cultura à Justiça; tudo que recebeu atenção do presidente foi dilacerado. É o toque de Midas ao contrário: em vez de virar ouro, tudo que ele toca apodrece.

A vocação para prejudicar o País é inequívoca, mas desde que não dê trabalho. Afinal, dá para contar nos dedos de uma mão os dias em que o presidente fez algo para o País, e não apenas para si próprio. Suas diversas atividades não incluem a prática de governar, mas a usar o Twitter, sair em motociatas, passear de jet ski, encontrar-se com apoiadores inexpressivos e visitar formaturas de policiais e militares. Política? Não teve paciência. No mais alto cargo do País, não teve competência sequer para criar um partido – lembrando que no Brasil há 32 agremiações organizadas por gente com expressão bem menor. Essa inação não chega a ser uma novidade quando lembramos de sua ficha corrida como deputado: em 27 anos, aprovou apenas dois projetos – ambos patéticos. Pensando bem, se o Brasil já está esse desastre sem o presidente trabalhar, imagine como estaria pior se ele tivesse tentado fazer alguma coisa.

Bolsonaro acredita que será preso ao deixar a Presidência. O mais curioso é ver que ele vestiu a carapuça: inocentes não costumam temer a prisão

O GENERAL E DEMOCRACIA

O brasileiro que puxar pela memória descobrirá que somente viu generais negros em filmes norte-americanos. Primeiro porque são muitos, segundo porque a comunicação social nos EUA garante a presença negra no cinema, teatro e televisão. Terceiro, porque o governo e a sociedade norte-americana faz, a tempo, o dever de casa da equalização de oportunidade entre negros e brancos nas Forças Armadas, e nos demais ambientes sociais. Foram às jornadas pelos direitos civis dos negros conduzida pelo doutor Martin Luther King e seus camaradas que forjaram a ordem executiva do presidente Harry Truman, em 1948, determinando a dessegregação dos negros no Exército, e as que vieram depois, que, pavimentaram a chegada do general Lloyd Austin na Academia Militar de West Point, em 1975, e de lá o levaram ao ápice: secretário de Defesa dos Estados Unidos da América; o Senhor da Guerra da maior potência bélica do planeta. Seu pouso de emergência para uma conversa de pé de ouvido com o comando militar no Brasil, seguramente ajudou a distender e

A presença de Lloyd Autin ajudou a dissuadir a ideia de outro caminho que não o respeito à democracia, aos Direitos Humanos e as urnas eletrônicas

por José Vicente

Reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares

NOSSA RACIAL

dissuadir a ideia de outro caminho que não o respeito à democracia, aos Direitos Humanos e submissão ao poder civil e as urnas eletrônicas. Além de espantar o fantasma do suposto golpe e garantir a manutenção da normalidade política, sua presença aponta outra dimensão de relevo para o equilíbrio político e segurança social: a importância da democracia e participação racial.

Nos Estados Unidos da "segregação" e com 12% de negros, o general Austin, como secretário de Defesa, sucedeu ao general Colin Powel, secretário de Estado, que foi sucedido por Condoleeza Rice, secretária de Estado, que se juntou a Barak Obama, presidente da República, que, foi sucedido por Kamala Harris, vice-presidente e que encontraram Thurgood Marshall, Clarence Thomas e Ketanji Brown Jackson, na Suprema Corte de Justiça. No Brasil da liberdade, com 56% de negros, não existe nenhum deles no primeiro escalão dos governos, na direção de partidos políticos, ou em sindicatos. Não existe número expressivo deles entre, bispos, cardeais e pastores, jornalistas e publicitários, reitores, executivos de empresas públicas e privadas e entre os candidatos a presidente, governador e senador no atual pleito. Na nossa celebrada miscigenação foram onze os generais negros desde a fundação do Exército, em 1822 - nenhum deles quatro estrelas. O general negro americano Lloyd Austin salvou nossa democracia política e, se quisermos seguir o exemplo, pode salvar nossa democracia racial.

por Marco Antonio Villa

Historiador

É PRECISO POLITIZAR A ELEIÇÃO

Jair Bolsonaro aponta para um Sete de Setembro com a possibilidade de confrontos de rua. Isso justamente no Bicentenário da Independência do Brasil. Seria algo impensado a um lustro atrás, porém, o País foi entrando em um ritmo de tal distopia, que as barbáries acabaram sendo paulatinamente absorvidas pelo modus vivendi da política brasileira. O volume de ataques sistemáticos às instituições, ao Estado democrático de Direito e à Constituição foram se incorporado ao parco vocabulário de Jair Bolsonaro e externados à miúde, em mais de três anos de "governo."

O governo teve todo o tempo do mundo para preparar a comemoração dos 200 anos do Brasil. Nada fez. O que deverá obrigar à nova administração, que vai tomar posse a 1º de janeiro de 2023, naquele ano comemorar os 200 anos da Independência, algo meio exótico, mas dentro da tradição da política latino-americana, que ronda a nossa história desde os processos independentistas, no início do século XIX. A menos de dois meses da eleição, o País não tem certeza de que poderemos ter um processo democrático de escolha dos novos dirigentes dos estados e da União, além dos parlamentares das assembleias legislativos, de toda a Câmara dos Deputados e de um terço do Senado Federal, o que não tínhamos desde 1986, antes até da promulgação da Carta de 1988.

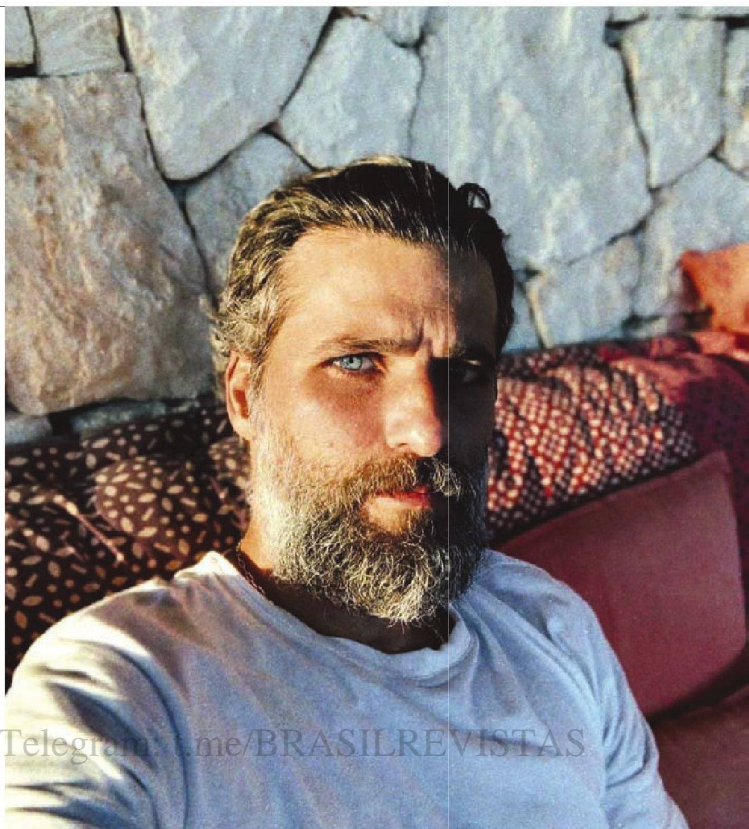
A instabilidade é parte da política do caos, típica de dirigentes como Bolsonaro. A questão central é que isso agrava ainda mais o cenário econômico nacional e que tem, internacionalmente, perspectivas sombrias tanto em termos do comércio externo, e em disputas geopolíticas, como no Mar da China, no Oriente Médio, na Europa Oriental. E com terríveis reflexões na economia mundial, basta citar a UE, particularmente, a Alemanha. Mas nada disso parece, até o momento, impactar o processo eleitoral. As composições políticas partem, na maioria das vezes, na preservação dos que já estão no poder nos estados. As reais forças de transformação estão ausentes. A palavra de ordem é da conservação permitindo que diversos interesses antirrepublicanos continuem a usufruir das benesses do Estado, mantendo, quase sempre, intocados privilégios do que Euclides da Cunha denominava de senhores do baraço e do cutelo. Para Jair Bolsonaro, quanto menos política, no sentido clássico, melhor. Prefere – até por não ter condições cognitivas de travar o embate no campo ideológico – manter a discussão no nível mais rasteiro, como em um botequim.

A instabilidade é parte da política do caos, típica de dirigentes como Bolsonaro

As opiniões dos colunistas não necessariamente refletem a posição da revista

Frases

"NÃO CONFUNDA A REAÇÃO DO AGREDIDO COM A VIOLÊNCIA DO AGRESSOR"

BRUNO GAGLIASSO, ator, sobre os xingamentos que sua esposa, Giovanna Ewbank, disse a uma mulher branca após ela ter sido racista com os seus filhos, que são negros

"ELZA SOARES NOS DEIXOU UM LEGADO DE FORÇA E LIBERDADE ARTÍSTICA"

CAMILA PITANGA, atriz

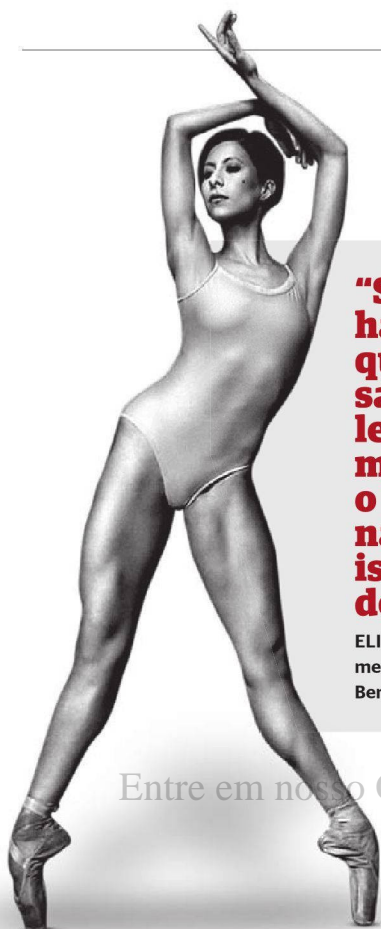
"DE GRIPEZINHA À CARTINHA, BOLSONARO QUER REDUZIR O BRASIL À CONDIÇÃO DE PAISINHO"

CELSO CAMPILONGO, diretor da Faculdade de Direito da USP e organizador do manifesto em defesa da democracia

"Se brincar com fogo, pode se queimar"

XI JINPING, presidente da China, ameaçando o presidente dos EUA

FOTOS: REPRODUÇÃO INSTAGRAM; REGIS FILHO/VALOR

por Fernando Lavieri

“Sempre pode haver dançarinos que giram, saltam e levantam a perna muito alto, mas o balé clássico não é apenas isso, tem de ter coração”

ELISA CARILLO CABRERA, bailarina mexicana da companhia alemã Berlin State Ballet

“AVANÇAMOS MUITO, MAS O MACHISMO AINDA ESTÁ ENRAIZADO NA CABEÇA DE DIVERSOS HOMENS. OLHA OS FEMINICÍDIOS QUE NÃO PARAM DE OCORRER”

MARIETA SEVERO, atriz

“TEMOS PESSOAS DE DIFERENTES CORES, RAÇAS, IDEOLOGIAS, RELIGIÕES. ISSO SIGNIFICA QUE A SOCIEDADE ESTÁ BEM RETRATADA”

HENRIQUE CARLOS DE ANDRADE FIGUEIRA, presidente do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro, após a cerimônia de posse dos novos juízes da Corte

“A PRÓPRIA CRISE SANITÁRIA É DERIVADA DE UMA QUESTÃO AMBIENTAL. É PRECISO PARAR O DESMATAMENTO ANTES DE CHEGUARMOS A UMA SITUAÇÃO DE CATÁSTROFE”

EVELINE BAPTISTELLA, ecologista

“A terceira via é uma peça de ficção”

RODRIGO MAIA, ex-presidente da câmara

“HOJE AS PESSOAS ME CONHECEM PELO QUE FAÇO E NÃO POR CAUSA DA MINHA CONDIÇÃO FÍSICA”

LORRANE SILVA, psicóloga e influencer, que tem limitação de mobilidade

“A CONVIVÊNCIA COM ANIMAIS PROPORCIONA ÀS CRIANÇAS RESPEITO À VIDA E RESPONSABILIDADE COM A NATUREZA. É UMA APRENDIZAGEM FANTÁSTICA”

VALÉRIA MARQUES OLIVEIRA, psicóloga

“UM GOVERNO PERDE POPULARIDADE COM INFLAÇÃO OU DESEMPREGO. MAS QUAL DELAS AFETA MAIS A POPULARIDADE? A RESPOSTA É SEMPRE INFLAÇÃO”

PÉRSIO ARIDA, economista

por Germano Oliveira

Colaboraram: Marcos Strecker e Ana Viriato

Brasil Confidencial

ESTRATÉGIAS No passado, os vices foram uma pedra no sapato dos presidentes: desta vez, ajudarão na busca de votos

O peso dos vices

Os vices sempre tiveram papel importante, para o bem ou para o mal. Desde a redemocratização, dois vices assumiram a Presidência com o impeachment dos titulares: em 1992, Itamar assumiu o lugar de Collor e, em 2006, Temer tomou posse no cargo de Dilma. Viraram inimigos depois. Desta vez, os vices surgem com um simbolismo relevante. Lula tem **Geraldo Alckmin** e Bolsonaro lançou **Braga Netto** para darem recados aos eleitores. O petista precisa do ex-governador de São Paulo para mostrar que é moderado, o que não é. Pelo contrário. É extremista e populista. Já o ex-capitão, outro extremista/populista, usa o general para mostrar que as Forças Armadas estão com ele e impedirão eventual posse do PT. Mentira. Não haverá golpe. As instituições e a democracia estão sólidas.

Ex-tucano

Lula está lançando mão de uma tática semelhante à que usou em 2002, com a escolha de José Alencar para vice. Daquela vez, foi para atrair os empresários e militares assustados com seu esquerdismo. Agora, o petista usa Alckmin, um ex-tucano ligado aos religiosos da direita, para atrair votos da classe média e gente desconfiada de seu radicalismo.

Militares

Bolsonaro, por sua vez, repete o feito de 2018, quando escalou o general Mourão de vice. Ao manter um general na chapa, ele espera que os 30% dos conservadores que o apoiam cegamente se mantenham fiéis ao seu lado. Quer mostrar aos eleitores que serão mantidas sua política fascista de armamento em massa e suas teses de ataques às minorias.

Ordem unida nos quartéis

Emissários de Lula, como ex-ministro Nelson Jobim, têm sido tranquilizados em conversas com generais do Alto-Comando do Exército. Os militares explicam que permanecem em silêncio diante da escalada do discurso de Bolsonaro em respeito à hierarquia, mas garantem que "acima do presidente, está a Constituição" e que, caso ele transforme as bravatas em ações, os fardados não darão respaldo ao mandatário.

RÁPIDAS

* Bolsonaro insiste nos erros. Decidiu dar a medalha da Ordem do Mérito Médico a nada mais, nada menos, do que à médica Mayra Pinheiro, a capitã cloroquina. Ela recebeu a honraria nesta sexta-feira, 5. Faz parte da campanha da moça a deputada federal pelo PL do Ceará.

*** Na pressa de conceder o auxílio emergencial para os mais pobres, o governo Bolsonaro não checou a lista dos beneficiados e o dinheiro foi repassado para 135 mil pessoas já falecidas: prejuízo de R$ 336,1 milhões.**

* Simone Tebet, que foi abandonada no altar pelo tucano Tasso Jereissati, pode ser rejeitada também por parte do MDB. Por isso, decidiu ter a senadora Mara Gabrilli (PSDB-SP) como sua vice e tocar o barco em frente.

*** A governadora do Ceará, Izolda Cela, acaba de deixar o PDT magoada com Ciro Gomes. Ela queria ser candidata à reeleição, mas foi preterida pelo líder pedetista, que optou por Roberto Claudio. Vai trabalhar contra.**

FOTOS: PAULO WHITAKER/REUTERS/FOTOARENA; GABRIELA BILÓ/FOLHAPRESS; JEFFERSON RUDY/AGÊNCIA SENADO; DIVULGAÇÃO; GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO; REPRODUÇÃO

RETRATO FALADO

"Nunca imaginei que veríamos um presidente cometer a idiotice de chamar embaixadores para mentir"

Lula *disse na convenção do PSB que escolheu Geraldo Alckmin como seu vice, na sexta-feira, 29, em Brasília, que jamais imaginou ver um presidente cometer a idiotice de chamar ao Palácio do Alvorada embaixadores de 70 países com o objetivo de atacar o sistema eleitoral para "mentir e vender uma ideia falsa de que no Brasil a democracia corre risco por conta das urnas eletrônicas". Durante a convenção do PSB, o PT sacramentou a aliança que envolve outros cinco partidos.*

TOMA LÁ DÁ CÁ

CARLOS AUGUSTO, O CARLÃO, DIRETOR DO SINDICATO DOS METALÚRGICOS DE SÃO PAULO

Seu partido, o Solidariedade, se aliou a Lula, que defende mudanças na Reforma Trabalhista. O senhor apoia?

Somos favoráveis à revisão da reforma trabalhista, pois ela não gerou os milhões de empregos prometidos e só serviu para precarizar as relações de trabalho.

Acha que a economia dominará o debate desta campanha eleitoral?

Os debates são essenciais para o eleitor escolher os candidatos que levantarão a bandeira do desenvolvimento sustentável, com a geração de emprego de qualidade.

Acha que o novo governo terá a reconstrução como tarefa prioritária?

Creio que sim, no sentido de preservar o Estado Democrático de Direito, resgatar o diálogo e a paz social e retomar o caminho do desenvolvimento.

O perigoso populismo

De acordo com as pesquisas eleitorais, o próximo presidente será Bolsonaro ou Lula, que pode até levar no primeiro turno. Pior é que tanto um como o outro são populistas. O atual mandatário faz de tudo para se reeleger e para isso jogou no lixo as leis e a Constituição apresentando programas sociais que desrespeitam o teto de gastos, a lei de responsabilidade fiscal e a legislação que não permite benesses sociais às vésperas das eleições. Por sorte, não deverá obter novo mandato, mas deixará uma bomba fiscal para o próximo presidente, que, se também adotar medidas populistas, como já adotou em outros governos petistas, fará a economia explodir em 2023.

Dólar a R$ 7,50

O quadro é sombrio para o ano que vem. Segundo o economista Ales Koutny, gerente da Janus Hendersen Investors, a depender das políticas do próximo governo, os investidores estrangeiros podem deixar o País, com impactos na inflação, juros e dólar. Ele acha que o dólar pode chegar a R$ 7,50 e os juros, a 18%.

A força dos indígenas

Enquanto os indígenas brasileiros estão em pé de guerra com Bolsonaro, em São Paulo o clima é de paz e de discussão dos problemas que afetam a comunidade. Na sexta-feira, 29, o secretário de Justiça do Estado, **Fernando José da Costa**, participou de encontro com lideranças de 12 comunidades indígenas tupi-guarani do Litoral Sul, em Peruíbe.

Segurança alimentar

O objetivo do encontro foi discutir reivindicações dessas comunidades, como segurança alimentar, educação e moradia, assim como o desenvolvimento sustentável das aldeias, por meio do incentivo ao turismo indígena e ao cooperativismo. Além do secretário do governo Rodrigo Garcia, estiveram presentes representantes da OAB de São Paulo e da Funai.

Facção criminosa

O candidato de Bolsonaro a governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, deu um tiro no pé. Gravou um vídeo para receber o apoio do prefeito de Embu das Artes, Claudinei Alves dos Santos, que esteve preso duas vezes e é réu em um processo em que é acusado de integrar a facção criminosa PCC. Tarcísio aparece de mãos dadas com o prefeito e agradece o apoio.

Coluna do Mazzini

CAVENDISH EM APUROS COM MP

Dono da empreiteira Delta, o empresário Fernando Cavendish, que fez delação premiada para sair da cadeia, entrou em apuros novamente com o Ministério Público e a Justiça do Rio de Janeiro – e isso pode lhe custar, novamente, a liberdade. O MP investiga suposta fraude no acordo envolvendo uma transação de créditos de R$ 375 milhões que Cavendish deu como garantia para se safar da cela. Antes da delação, ele vendeu créditos a receber em obras para a empresa Allianza Infraestrutura do Brasil S/A, de um grupo espanhol. Para não ser preso, Cavendish teria pedido aos parceiros um empréstimo antecipado neste valor. Agora, a Allianza recorreu à Justiça do Rio para receber o dinheiro e esbarra no acordo de delação. Cavendish não tem saldo para devolução e a Allianza ficou no negativo. O caso está na 7ª Vara Criminal da Seção Judiciária do Rio e se chegar ao juiz Marcelo Bretas, algoz da turma carioca presa na Lava Jato, Cavendish pode ter a delação anulada. Procurado, Cavendish não deu retorno.

Dono da Delta vendeu créditos a receber de obras do Governo a parceiros espanhóis, e usou o mesmo dinheiro na delação para se safar da cadeia

O Rio não sai da vida do general

Uma surpresa para quem passa a lupa no Diário Oficial da União foi descobrir que ainda existe, nos custos da União, o gabinete de Intervenção Federal na Segurança do Estado do Rio de Janeiro (que funcionou de fevereiro a dezembro de 2018). Conta com sete pessoas em cargos comissionados, com salários que vão de pouco mais de R$ 2 mil a perto de R$ 9 mil. O interventor foi o general Braga Netto – hoje vice de Bolsonaro na chapa à reeleição. O Decreto Nº 11.157, do dia 29 de julho, cita que o gabinete será extinto no fim do ano. Porquê funcionou desde 2019 ninguém explica. O Planalto informou que Braga Netto foi exonerado do cargo em março de 2019.

Inflação até no pão

Restaurantes, bares, lanchonetes e padarias de Brasília registraram queda de 34,9% no faturamento em maio, em comparação com o mesmo mês de 2021, aponta recente estudo da Fipe. Os dados evidenciam que a inflação também pegou a turma da capital com um dos maiores PIB do País. No mesmo período comparativo, compras em supermecados recuaram 27,1%.

Lobby planeja um cassino para Noronha

A ação do Governo Federal no STF que pretende retirar do Estado de Pernambuco o controle do arquipélago de Fernando de Noronha está no bojo de projeto bem maior que o da defesa do meio ambiente do paraíso. É fato que o turismo diário e a especulação imobiliária cresceram de forma alarmante, e o Governo estadual deve explicações. Mas entra nessa praia a ideologia política – o presidente Bolsonaro não engole o PSB que comanda o Estado há anos. E de carona, lobistas de magnatas dos jogos sonham com resort e cassino na ilha. A liberação de cassinos e volta dos bingos têm o aval discreto da família Bolsonaro.

FOTOS: GABRIEL CABRAL/FOLHAPRESS; ISTOCKPHOTO; PEDRO LADEIRA/FOLHAPRESS

por Leandro Mazzini

Colaborou: equipe de Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo

Caiado não quer milícia em Piri

A suspeita de que milicianos em motos circulam pela histórica Pirenópolis, cidade turística a 130 km de Goiânia, irritou o governador Ronaldo Caiado (UB), que deu uma dura no comando da PM – policiais da cidade estariam coniventes. Não é só pela taxa de extorsão cobrada de R$ 30 e R$ 50 a moradores e comerciantes. É que Piri é a terra da família do ex-governador Marconi Perillo (PSDB), seu principal adversário, que tem muitas propriedades no município. Caiado não quer problema eleitoral este ano além da segurança. Candidato ao Senado, Marconi, por enquanto, está calado neste caso.

Eleição: Agentes sempre por perto

É utopia pensar que os Estados Unidos ficam alheios às campanhas do Brasil. Em 2002, dupla de 'jornalistas' americanos seguiu a agenda de Lula nas principais capitais. Até numa canoa em travessia junto a barco entre Rio e Niterói. O cenário vai se repetir este ano, mesmo que discretamente.

Um perigo nos trilhos

Deliberação do TCU de julho recomendou à ANTT que regulamente com mais rigor o setor ferroviário. É recado para renovação da Ferrovia Centro-Atlântica, tocada às pressas pelo Ministério da Infraestrutura, com meta de viabilizar o projeto ainda neste ano. A postura tem resistência dos Estados do Espírito Santo, Bahia e Rio de Janeiro.

Mídia natimorta no DF

Bolsonaro tentou criar rede nacional de noticiário simpática ao Governo, com redação em Brasília e jornalistas pagos com baixos salários. A ideia foi levada por donos de jornais e emissoras do Sul e Centro-Oeste, há dois anos. Houve tratativas, sem sucesso, quando viram que o Palácio não colocaria um centavo de publicidade.

NOS BASTIDORES

Sósia de Janja no MDB

Seria só coincidência se não fosse eleição, em que provocação é do jogo político. O MDB inseriu uma sósia da Janja, mulher de Lula, no vídeo de lançamento de Simone Tebet.

Pracinha ficou cara

Depois da onda de portais e chafarizes nas praças, nos anos 80, prefeitos da nova geração pensam grande – com verba do povo. Nova mania é inaugurar "roda gigante" e teleférico como pontos turísticos.

Mais fé na multimídia

O Santuário de Aparecida (SP) passou sufoco que até hoje rende investimento forte em TI. Em 2016, hackers roubaram milhões de dados de cadastro de fiéis. Resolvido o problema, a Igreja foca na interação multimídia da TV e Rádio Aparecida.

A Sacristia em paz

A Igreja está pacificada. É que os bispos mais tradicionais de Aparecida, que torciam o nariz para o movimento, entraram em acordo com os da Renovação Carismática, da vizinha Cachoeira Paulista (SP).

Semana

por Antonio Carlos Prado e Fernando Lavieri

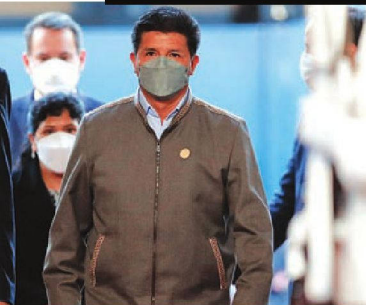
TERRORISMO

Estados Unidos matou sucessor de Osama Bin Laden

Morreu no sábado 30, em Cabul, no Afeganistão, o egípcio Ayman Al-Zawahiri, líder da Al-Qaeda. A morte se deu em decorrência de uma ação militar dos EUA. Zawahiri ascendeu ao posto de número um da organização terrorista após a morte de Osama Bin Laden (2011), principal articulador dos atentados de 11 de setembro em 2001. A CIA planejou minuciosamente a investida por anos, pois o extremista se refugiou em diversos países na tentativa de enganar a inteligência norte-americana. Ele é acusado de participação na destruição das torres gêmeas, além de outras agressões a embaixadas do país, na África.

EXECUÇÃO Al-Zawahiri, líder da Al-Qaeda, foi atingido por míssil não explosivo: mas com lâminas fatais

A liderança Talibã criticou o ato dizendo que, apesar de o Pentágono afirmar que o míssil que matou Al-Zawahiri é de baixo impacto, ou seja, foi desenvolvido para preservar os civis ao redor do alvo, de fato, o projétil atingiu um bairro chamado Sherpur, uma área residencial. Os Estados Unidos deixaram o Afeganistão há quase um ano depois de duas décadas de invasão. Demonstrando alívio pelo dever cumprido, Joe Biden assegurou em pronunciamento que a caça aos terroristas vai continuar. "Não importa quanto tempo vai levar e o local, os EUA irá te encontrar e matar", disse.

VINGANÇA Joe Biden disse que a justiça foi feita: organização fragilizada

PRESIDENTE PERUANO Pedro Castillo: em choque com o conservadorismo legislativo

COMPORTAMENTO

Ausência de toilette para trans pode cancelar Assembleia da OEA

Devido ao posicionamento anacrônico de parlamentares peruanos corre risco de não acontecer em outubro, em Lima, a Assembleia Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA). Oposicionistas conservadores do presidente do país - Pedro Castillo, que é de esquerda - votaram contra a instalação de toilette neutra no local do evento. Na semana passada, em outra rodada de negociações não se chegou a nenhuma conclusão. O teor do acordo entre o governo peruano e a OEA explicita que "deve ser garantido o acesso adequado às instalações sanitárias, fornecendo, além dos banheiros comuns, banheiros individuais e pelo menos um banheiro neutro". A oposição diz que a OEA tenta "contrabandear banheiros trans" e que tal assunto "ainda não foi objeto de legislação no Peru e nem está em pauta".

FOTOS: MAHER ATTAR/SYGMA/GETTY IMAGES; JIM WATSON/POOL/GETTY IMAGES NORTH AMERICA/AFP; JAVIER TORRES/AFP

STF

A correta decisão do ministro Barroso

É justa e acertadíssima a decisão de Luís Roberto Barroso, ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), de negar o recurso da defesa dos policiais militares envolvidos no caso que ficou conhecido como o massacre do Carandiru, em 1992. A morte de cento e onze presos nas dependências da já extinta Casa de Detenção de São Paulo, promovida pela Polícia Militar durante uma rebelião, foi considerada crime contra os direitos humanos por tribunais internacionais. E, pela imprensa internacional, o episódio foi tratado como assassinato. Os PMs foram considerados culpados e condenados pelo Tribunal do Júri a penas que variam entre quarenta e oito e seiscentos e vinte anos de prisão. O processo passou por diversas instâncias da Justiça até que os advogados apresentassem a apelação à Corte. Enquanto Barroso eleva o Poder Judiciário, a Comissão de Segurança da Câmara dos Deputados mancha a reputação do Brasil ao aprovar um projeto que anistia os PMs implicados nas mortes.

STF Ministro Luís Roberto Barroso: Justiça no caso dos cento e onze presos mortos no Carandiru em 1992

SAÚDE

Nova versão da vacina tríplice viral vai proteger contra a Covid

Pesquisadores da Universidade de Ohio, nos EUA, estão trabalhando na produção de uma nova vacina tríplice viral. O imunizante, utilizado desde a década de 1970, é proteção garantida contra os vírus do sarampo, caxumba e rubéola. E, agora, o esforço é para incluir cobertura contra a Sars-Cov-2. Assim é o ousado projeto: os cientistas juntaram partes da defesa à caxumba com a proteína Spike do vírus da Covid. Deu certo. Ocorreu que, dentro do laboratório, fragmentos do sistema imunológico conseguiram desenvolver anticorpos que bloqueiam as duas doenças. Quando o produto é aplicado na mucosa nasal à imunidade aumenta.

INOVAÇÃO

Mais uma arma para combater o coronavírus: supervacina bloqueia quatro tipos de doenças

FOTOS: ROSINEI COUTINHO/SCO/STF; MARCELO CAMARGO/AGÊNCIA BRASIL

FUNDADOR
DOMINGO ALZUGARAY (1932-2017)
EDITORA
Catia Alzugaray
PRESIDENTE EXECUTIVO
Caco Alzugaray

DIRETOR EDITORIAL
Carlos José Marques

DIRETORES
DE REDAÇÃO: Germano Oliveira **DE EDIÇÃO:** Antonio Carlos Prado
REDATOR-CHEFE: Marcos Strecker

EDITORES: Ana Viriato (Brasília), Felipe Machado e Vicente Vilardaga
REPORTAGEM: Denise Mirás, Elba Kriss, Fernando Lavieri, Gabriela Rölke, Mirela Luiz, Taísa Szabatura e Carlos Eduardo Fraga (estagiário)
COLUNISTAS E COLABORADORES: Bolívar Lamounier, Cristiano Noronha, Elvira Cançada, José Manuel Diogo, José Vicente, Luiz Fernando Prudente do Amaral, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Rachel Sheherazade, Ricardo Amorim e Rosane Borges

ARTE
DIRETORA DE ARTE: Renata Maneschy
EDITOR DE ARTE: Arthur Fajardo
DESIGNERS: Alexandre Souza, Claudia Ranzini, Therezinha Prado e Wagner Rodrigues
INFOGRAFISTA: Nilson Cardoso

ISTOÉ ONLINE: Diretor: Hélio Gomes
Editor executivo: Edson Franco
Editor: André Cardozo
Editores-assistentes: André Ruoco e Heitor Pires
Reportagem: Alan Rodrigues, Carlos Carvalho, Cristiani Dias, Ingrid Rodrigues, Larissa Pereira, Leticia Sena, Mariana Stocco, Natália Ferreira e Vinícius Silva
Web Design: Alinne Souza Correa e Thais Rodrigues Ferreira Fernandes

AGÊNCIA ISTOÉ: Editor: Frédéric Jean
Pesquisa: Salvador Oliveira Santos
Arquivo: Eduardo A. Conceição Cruz

CTI: Silvio Paulino e Wesley Rocha

APOIO ADMINISTRATIVO
Gerente: Maria Amélia Scarcello **Secretária:** Terezinha Scarparo
Assistente: Cláudio Monteiro
Auxiliar: Eli Alves

MERCADO LEITOR E LOGÍSTICA
Diretor: Edgardo A. Zabala

Gerente Geral de Venda Avulsa e Logística: Yuko Lenie Tahan

Central de Atendimento ao Assinante: (11) 3618-4566
de 2ª a 6ª feira das 10h às 16h20. Sábado das 9h às 15h.
Outras capitais: 4002-7334
Outras localidades: 0800-8882111 (exceto ligações de celulares)
Assine: www.assine3.com.br
Exemplar avulso: www.shopping3.com.br

PUBLICIDADE
Diretor nacional: Maurício Arbex **Secretária da diretoria de publicidade:** Regina Oliveira **Assistente:** Valéria Esbano **Gerente executivo:** Andréa Pezzuto **Diretor de Arte:** Pedro Roberto de Oliveira **Coordenadora:** Rose Dias **Contato:** publicidade@editora3.com.br **ARACAJU – SE:** Pedro Amarante · Gabinete de Mídia · **Tel.:** (79) 3246-w4139 / 99978-8962 – **BELÉM – PA:** Glícia Diocesano · Dandara Representações · **Tel.:** (91) 3242-3367 / 98125-2751 – **BELO HORIZONTE – MG:** Célia Maria de Oliveira · 1a Página Publicidade Ltda. · **Tel./fax:** (31) 3291-6751 / 99983-1783 – **CAMPINAS – SP:** Wagner Medeiros · Wem Comunicação · **Tel.:** (19) 98238-8808 – **FORTALEZA – CE:** Leonardo Holanda – Nordeste MKT Empresarial – **Tel.:** (85) 98832-2367 / 3038-2038 – **GOIÂNIA–GO:** Paula Centini de Faria – Centini Comunicação – Tel. (62) 3624-5570/ (62) 99221-5575 – **PORTO ALEGRE – RS:** Roberto Gianoni, Lucas Pontes · RR Gianoni Comércio & Representações Ltda · **Tel./fax:** (51) 3388-7712 / 99309-1626 – **INTERNACIONAL:** Gilmar de Souza Faria · GSF Representações de Veículos de Comunicações Ltda · **Tel.:** 55 (11) 99163-3062

ISTOÉ (ISSN 0104 - 3943) é uma publicação semanal da Três Editorial Ltda. **Redação e Administração:** Rua William Speers, 1.088, São Paulo – SP, CEP: 05065-011. **Tel.:** (11) 3618-4200 – **Fax da Redação:** (11) 3618-4324. São Paulo – SP. Istoé não se responsabiliza por conceitos emitidos nos artigos assinados. **Comercialização:** Três Comércio de Publicações Ltda, Rua William Speers, 1212, São Paulo – SP. **Impressão: OCEANO INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA**. Rodovia Anhanguera, Km 33, Rua Osasco, nº 644 – Parque Empresarial – 07750-000 – Cajamar – SP

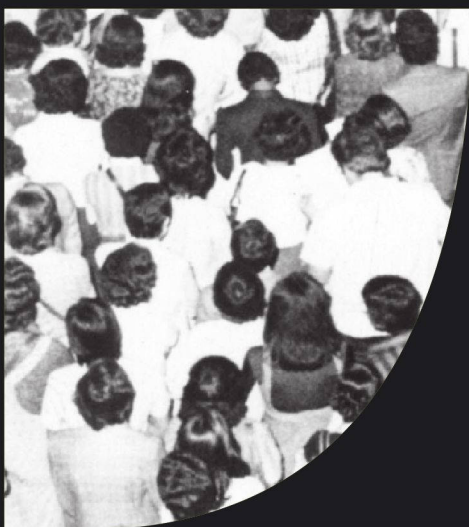
ANER
www.aner.org.br

#NÃOVAITERGOLPE

FOTOS: SERGIO LIMA/AFP; FOLHAPRESS

Esse pessoal que assina o manifesto é cara de pau, sem caráter. Não vou falar outros adjetivos porque sou uma pessoa bastante educada”

Jair Bolsonaro
Presidente da República, sobre os apoiadores da carta da USP

OS PROTETORES DA DEMOCRACIA

A sociedade civil, liderada pelas elites industrial, financeira e acadêmica, une-se para protestar contra os recorrentes ataques de Bolsonaro ao Estado de Direito e sistema eleitoral. Tresloucado, o presidente reage com ofensas e admite a assessores militares e grupos evangélicos o seu pavor de não ser reeleito e acabar preso pelos crimes que cometeu

Antonio Carlos Prado e Gabriela Rölke

Jair Bolsonaro tinha 18 anos de idade quando entrou para o Exército. Jair Bolsonaro tinha 12 anos de Exército quando o Brasil reencontrou a democracia após mobilização que reuniu setores da sociedade civil depois de duas décadas de torturante ditadura dos homens de ombros estrelados. Bolsonaro, portanto, assistiu a tudo. Viu tudo. Mas não aprendeu nada. Não aprendeu, por exemplo, que as brasileiras e os brasileiros deixam de lado as suas preferências partidárias, juntam-se em corações e mentes e dão-se as mãos para impedir que aventureiros acabem roubando aquilo que lhes é um direito inalienável, uma vez que legítimo e constitucional – o direito aos valores democráticos. "A Constituição de 1988 fundou um Estado Democrático de Direito", diz Heleno Torres, professor titular de Direito Financeiro da USP. "Com isso, no Brasil, **a democracia foi alçada à condição máxima de fundamento central da relação entre sociedade e governos que se sucedem na gestão do Estado".**

"A Constituição de 1988 fundou um Estado Democrático de Direito. Com isso, alçou a democracia à condição máxima de fundamento central da relação entre sociedade e governos que se sucedem na gestão do Estado"

Heleno Torres, professor titular de Direito Financeiro da USP

"Todos em defesa da democracia!"

Luciano Huck, apresentador

1977

O catedrático em Direito Goffredo da Silva Telles lê na faculdade do Largo de São Francisco a Carta aos Brasileiros: marco definitivo na luta contra a ditadura militar

A organização cívica do passado que poderia ter servido de lição ao presidente teve o seu auge na campanha das "Diretas Já" (defesa do voto popular nos estertores da ditadura militar). A organização cívica do presente está bem debaixo do seu nariz, mas a visão obnubilada dos populistas distorce-lhes a realidade – e a realidade localiza-se logo ali, avizinha-se, tem até data marcada: quinta-feira, 11 de agosto. Esse dia entrará para o calendário da história política do Brasil como sendo um marco de protesto geral contra o capitão ocupante do Planalto, que, em três anos e meio de mandato, bateu ponto todos os dias nos ataques às instituições da República e nas ameaças de golpe caso não seja reeleito.

O ato mais significativo acontecerá em São Paulo, na tradicional Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, tida desde o século XIX, pelos corpos docentes e discentes que nela ensinaram e estudaram através dos tempos, como "território livre" de proteção às garantias constitucionais. Nessa faculdade serão lidos dois manifestos. Um deles é a *Carta às brasileiras e aos brasileiros pela defesa do Estado Democrático de Direito,* documento organizado pela própria USP e que reúne milhares de assinaturas de advogados, juízes, desembargadores, ex-ministros do STF, empresários, estudantes, acadêmicos, artistas, intelectuais, escritores e muita gente das demais profissões. Na quinta-feira 4 contava com cerca de 800 mil chancelas e ganhara, dois dias antes, os endossos de João Doria, ex-governador de São Paulo, e do apresentador Luciano Huck. "Um País que não respeita a demo-

cracia não respeita a liberdade, o seu povo e o seu futuro", afirma Doria. "Todos em defesa da democracia!", diz Huck.

O segundo manifesto a ser lido na faculdade, intitulado *Em Defesa da Democracia e da Justiça,* é de autoria da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), com amplo apoio da Federação Brasileira de Bancos (Febraban). A interlocutores, o presidente da Fiesp, Josué Gomes da Silva, tem explicado que não se trata de um gesto contrário a Bolsonaro, mas, isso sim, de fortalecer as instituições. A Federação Nacional de Saúde Suplementar, representativa de 40% do mercado, e a Fecomércio-SP, que se traduz em 10% do PIB e gera 10 milhões de empregos, aderiram ao chamamento da Fiesp — são apenas dois exemplos entre os muitos pesos pesados da economia nacional que fizeram o mesmo. **Dá para se descobrir, então, porque Bolsonaro anda tresloucado, ansioso, agressivo e tão sensível — sensibilidade que nele não se viu e não se vê em relação aos quase 700 mil mortos pela Covid. É que agora quem demonstra descontentamento com sua gestão é a elite financeira e a elite industrial, e isso lhe põe medo, muito medo.** Zonzo, marcou e desmarcou sua presença na Fiesp no próprio dia 11, zonzo, marcou e desmarcou jantar com empresários.

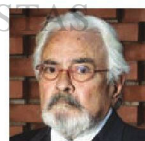
Tem mais: no terreno da mídia, que Bolsonaro tanto despreza e ofende com palavras de baixo calão e piadas misóginas e sexistas, vale destaque o texto divulgado pela Associação Nacional de Editores de Revistas (Aner), Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) e Associação Nacional de Jornais (ANJ). Defende, enfaticamente, a liberdade de imprensa e o respeito aos resultados das eleições. O fantástico número de assinaturas no texto acadêmico surpreendeu positivamente o diretor da Faculdade de Direito, Celso Campilongo: "esperava no máximo três mil nomes". E a movimentação, em geral, também despertou a atenção do CEO da empresa Suzano, Walter Schalka: "mobilização como essa de empresários eu nunca tinha visto".

No pendular do tempo, o movimento atual traz ecos do passado. A história nunca de repete, ensinou o filósofo pré-socrático e dialético Heráclito com a frase "jamais nos banhamos nas mesmas águas de um rio". **Falando-se em dialética, a arrogância de Bolsonaro fez-lhe imaginar que tinha poderes de paralisar a história — é o que gostaria de fazer nesse momento, mas não pode. Só lhe resta ver o tempo seguir em frente, enquanto o passado vai-lhe exibindo os mortos pela Covid e seus crimes de responsabilidade e contra a humanidade.** A história também não se autocopia, mas faz com que acontecimentos guardem similitude entre si. Em 1977 era presidente o general Ernesto Geisel. Ele decretou uma série de duras medidas que ficaram conhecidas como "Pacote de Abril". Diante do crescimento da oposição, então reunida no MDB, Geisel criou, entre outros itens, a

2022

Bolsonaro tenta diluir as instituições dizendo ter o apoio dos militares: pela segunda vez a sociedade civil reage com uma carta em defesa da democracia

"A democracia é o princípio dos princípios jurídicos. Dele não se pode abrir mão, sob pena de a Constituição ruir por inteiro"

Carlos Ayres Britto, ex-ministro do STF

"Democracia é valor inegociável. Os atos do dia 11 nos enchem de esperança"

José Carlos Dias, ex-ministro da Justiça

"Eu nunca tinha visto mobilização tão grande de empresários como essa"

Walter Schalka, presidente da Suzano

FOTOS: ADRIANO VIZONI/FOLHAPRESS; GABRIELA BILO/ESTADÃO; KENJI HONDA/ESTADÃO CONTEÚDO/AE; EDUARDO ANIZELLI/FOLHAPRESS; DIVULGAÇÃO/SCO/STF; TONI PIRES; ZANONE FRAISSAT/FOLHAPRESS

esdrúxula figura do "senador biônico" (indicado pelo Poder Executivo) e propôs mandato de seis anos ao presidente da República. O Congresso rechaçou o projeto e foi fechado – esse era o modus operandi da ditadura militar.

Geisel temia que o MDB se fortalecesse ainda mais em eleições legislativas, ou seja, temia as urnas. Também são elas, as urnas, que causam pânico em Bolsonaro: ele vem dizendo em eventos evangélicos e a assessores militares que, se não se reeleger, é alta a probabilidade de ser preso, embora não admita a coleção que montou de crimes. Conversa sobre isso ora irascível, ora em estado de anodinia. Em português claro, é inimaginável que alguém queira ser presidente do Brasil somente pela necessidade de se escudar na proteção do foro especial por prerrogativa de função. É mesmo inimaginável? Em se tratando do capitão, não.

Ditadores, é claro, não gostam de urnas e por isso tentam alienar o inalheável, que é a democracia. "A democracia não é negociável e estará protegida se for seguida a legislação", diz o general da reserva e ex-ministro Carlos Alberto dos Santos Cruz. A referência à legislação feita por ele é perfeita. Leis civilizatórias são atropeladas hoje e eram atropeladas no passado pelo poder federal. Dessa forma, surgiu, então, a primeira *Carta aos brasileiros*, lida na mesma Faculdade do Largo de São Francisco pelo professor Goffredo da Silva Telles, há 45 anos. "Democracia é valor inegociável, precisamos novamente da união de todas as forças em defesa do povo brasileiro diante de um governo inoperante, incompetente e corrupto. Os atos programados para o dia onze nos enchem de esperança", diz o ex-ministro da Justiça e jurista José Carlos Dias, um dos principais organizadores da carta do passado e signatário da atual. "O ano de 1977 representou uma mudança de rumos na luta pela redemocratização. Tenho a certeza de que agora, em 2022, haverá uma inflexão na defesa intransigente da continuidade da democracia", declarou Campilongo. **Um ponto em comum entre os dois momentos mostra a infantilidade daqueles que governam pelo arbítrio. Geisel chamou o manifesto de 1977 de "bilhete". Bolsonaro classificou o documento do próximo dia 11 como "cartinha".**

Existirão mais manifestações contrárias a Bolsonaro e, no último final de semana, em São Paulo, ele próprio foi ventania nessa direção. De estultice em estultice, de ofensa em ofensa ao TSE e STF, conseguiu fazer com que tais mobilizações crescessem e que seus organizadores antecipassem para 11 de agosto os atos que estavam agendados para o Sete de Setembro. Praticamente todas as federações e centrais sindicais, e também os diretórios e centros acadêmicos, terão essa atitude, aproveitando ainda a oportunidade de ser o Dia do Estudante. Assim, a campanha *Fora Bolsonaro*, integrada por movimentos sociais como "Povo sem Medo", "Brasil Popular", "Coalizão Negra por Direitos", "União Nacional dos Estudantes" e "Central de Movimentos Populares", terá um tema unificado para os protestos em todo o País: "Dia Nacional de Mobilização contra os Ataques Antidemocráticos". João Carlos Gonçalves, secretário-geral da Força Sindical, afirma: "Nós nos incorporamos ao movimento iniciado na Faculdade de Direito. E estamos divulgando o manifesto porque é importante que os trabalhadores o assinem".

Jair Bolsonaro, em entrevista a rádio gaúcha Guaíba, voltou a extravasar o seu estado psíquico de pânico e pavor, apelando novamente a ofensas. Segundo ele, quem colocou o nome na carta dos acadêmicos é "sem caráter" e "cara de pau". A

"Um País que não respeita a democracia não respeita a liberdade, o seu povo e o seu futuro"

João Doria, ex-governador de São Paulo

"A democracia não é negociável e estará protegida se for seguida a legislação"

Carlos Alberto dos Santos Cruz, general da reserva e ex-ministro

1922

Eduardo Gomes, Siqueira Campos, Newton Prado e o civil Octavio Corrêa (da esq. à dir.): a mítica caminhada para a morte na Avenida Atlântica, no Rio de Janeiro

PÍFIAS LETRAS

Em ralas 27 palavras, Bolsonaro achou que estaria respondendo aos manifestos que trazem até referências teóricas: falta-lhe cultura e apreço por bons textos

resposta à fala do mandatário chegou discreta e precisa com o procurador de Justiça do Ministério Público de São Paulo, Luiz Antonio Marrey, um dos principais idealizadores do ato: "quem diz isso só pode ter hostilidade ao regime democrático". **O populista Bolsonaro mostra-se amando sol e mar, mas cultiva em seu íntimo escuridão e naufrágio. Foi nesse parafuso enlouquecedor de sentimentos antagônicos, que ele anunciou: o desfile de Sete de Setembro no Rio de Janeiro será realizado agora na orla de Copacabana. O capitão assim o quer, em plena alucinação, para tentar inocular nas tropas a simbologia do levante e da morte dos "18 do Forte de Copacabana"**, nascedouro em 1922 do Tenentismo, movimento que influenciou a vida política brasileira e foi um dos responsáveis pelo encerramento do período da Primeira República *(leia Box)*.

Mais uma vez Bolsonaro lê no alfabeto da história somente as letras que lhe interessam. Ele pretende matar as eleições e, assim, a democracia, mas o Tenentismo, pelo menos até os anos 1930, propugnou justamente pelo contrário: queria eleições sem o chamado "voto de cabresto" e com alternância de governantes para além dos quadros das oligarquias de São Paulo e Minas Gerais. O movimento sonhava, talvez até ingenuamente, com um Brasil moderno e democrata. Bolsonaro quer o obscurantismo e vale-se da velha tática de inventar inimigos internos. Na verdade, desde o despertar do século XX golpistas seguem no Brasil essa litania, e prova disso é que os fanáticos adeptos de Floriano Peixoto criaram a fake news de que havia perigosos militantes tramando o retorno da monarquia. Bolsonaro mente sobre as urnas eletrônicas e as elegeu adversárias internas da Nação. A sociedade movimenta-se. E não vai deixar ter golpe algum. "A democracia é o princípio dos princípios jurídicos", diz o ex-ministro do STF Carlos Ayres Britto. **"É o princípio do qual não se pode abrir mão de modo algum, sob pena de a própria Constituição ruir por inteiro".** ■

A REVOLTA DOS 18 DO FORTE DE COPACABANA

Ao contrário da lisura, confiabilidade e integridade com que se dão atualmente as eleições no Brasil, por meio das urnas eletrônicas, eram bastante desonestas e viciadas as votações no início do século passado. Contra a situação se insurgiram tenentes de alguns estados, sobretudo do Rio de Janeiro. Vamos ao ano de 1922.

Presidia o País Epitácio Pessoa, e seu candidato na sucessão chamava-se Artur Bernardes, apoiado pelas oligarquias paulista e mineira. O principal adversário, Nilo Peçanha, trazia apoios de estados menos expressivos e, obviamente, perdeu. Somente por tal razão? Não. Perdeu porque a votação foi de cartas marcadas. Alguns quartéis se rebelaram, mas as tropas legalistas logo sufocaram o movimento.

Ficou um foco de resistência: o Forte de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro. Mesmo quando os oficiais maiores abandonaram-no, os tenentes, todos profundos admiradores de Hermes da Fonseca, lá seguiram lutando sob o comando de Antônio de Siqueira Campos. Na tarde de 5 de julho, ele e um pequeno grupo integrado, entre outros, por Newton Prado e Eduardo Gomes, saíram com armas nas mãos pela Avenida Atlântica, na chamada "Marcha da Morte" -- mesmo sabendo que inevitavelmente morreriam, enfrentaram as tropas do governo. Somente dois tenentes sobreviveram feridos: Siqueira Campos e Eduardo Gomes.

O fato entrou para a história com o mítico nome de "Revolta dos 18 do Forte de Copacabana". O massacre de tenentes, soldados e de um civil, chamado Octavio Corrêa, deu início ao movimento Tenentista que passou a lutar por um Brasil moderno e industrializado, não dependente exclusivamente da política agrária. Após 1930 o Tenentismo se cindiu, uma ala ingressou no Partido Comunista Brasileiro, outra se tornou essencialmente golpista. Para se ter uma ideia, esse segundo grupo gerou, entre outros, Humberto de Alencar Castelo Branco, Arthur da Costa e Silva, Emílio Garrastazu Médici e Ernesto Geisel – todos generais do golpe militar de 1964.

FOTOS: DIVULGAÇÃO; EVARISTO SÁ/AFP;

SUPREMO MIRA **BOLSONARO**

Judiciário aperta o cerco a Bolsonaro com a troca no comando de dois dos principais tribunais do País, prisão de extremistas e um tom mais duro na defesa da democracia. Na véspera do Sete de Setembro, a partir do dia 12, serão julgados 19 recursos sensíveis que envolvem o presidente e alguns de seus apoiadores mais fanáticos, inclusive dois filhos

Ao longo do primeiro semestre do ano, Jair Bolsonaro e sua claque desferiram ataques ao Judiciário sem grandes incômodos. O presidente do Supremo Tribunal Federal, Luiz Fux, optou pelo silêncio na maior parte das vezes para evitar esticar a corda e ampliar a margem para as acusações sobre uma suposta politização da Corte. Com atitude distinta, Edson Fachin, no Tribunal Superior Eleitoral, outro alvo dos constantes bombardeios, deu respostas à altura da escalada do discurso golpista, mas não chegou a adotar medidas energéticas. Ao que indicam os bastidores de Brasília, porém, o capitão não encontrará um mar tão calmo nos últimos quatro meses de 2022, sobretudo se mantiver a promessa de insuflar a militância contra as instituições no Sete de Setembro.

Principal algoz do presidente, Alexandre de Moraes, relator de inquéritos sensíveis ao Planalto e futuro presidente do TSE, deu sinais públicos nas últimas semanas de que não se curvará diante das ameaças de bolsonaristas. O ministro provou isso ao converter em preventiva a prisão temporária de Ivan Rejane Fonte Boa Pinto, um apoiador do Planalto que defendeu "caçar" e "pendurar de cabeça para baixo" Lula e magistrados do STF. A Procuradoria-Geral da República defendeu que o influenciador digital ficasse detido em casa, mas Moraes pontuou que, em domiciliar, Ivan poderia comprometer as investigações, que ainda precisam identificar e apontar "com maior precisão a extensão e níveis de atividade da associação criminosa" da qual o militante faz parte, "inclusive no que diz respeito à concretização de ataques ao Estado Democrático de Direito".

Moraes publicou a decisão na segunda-feira, poucas horas antes de Fux abrir formalmente o segundo semestre do Judiciário, com o discurso protocolar de retomada dos trabalhos. Ao microfone, por cerca de 10 minutos, o presidente do STF não citou o nome de Bolsonaro, mas declarou que as pessoas que conhecem o sistema eleitoral e têm "boa-fé" orgulham-se, uma vez que ele é um dos mais eficientes e modernos do mundo. "O STF

anseia que todos os candidatos aos diversos cargos eletivos respeitem os seus adversários, que efetivamente não são seus inimigos; confiando na civilidade dos debates e, principalmente, na paz que nos permita encerrar o ciclo de 2022 sem incidentes", emendou.

O pronunciamento, apesar de posicionar o Supremo, está um nível abaixo das ofensas de Bolsonaro e longe de ser suficiente para conter a sanha golpista do presidente — ele inclusive disse, no dia seguinte, que Fux deveria ser investigado "por assegurar a confiabilidade das urnas" no inquérito que mira a disseminação de fake news. "Que maravilha de sistema esse que ninguém quer, a não ser Bangladesh, Butão. Venezuela, também, parece que usa esse negócio [urna eletrônica]", disparou, mentindo mais uma vez. É hora, portanto, de o STF e o TSE responderem ao fogo com fogo. Na terça-feira, 2, voltou a criticar Moraes e disse que os inquéritos conduzidos pelo ministro são "ilegais, imorais".

Não à toa, Alexandre de Moraes pautou o julgamento de pelo menos 19 recursos que envolvem Bolsonaro e alguns de seus apoiadores mais fanáticos entre os próximos dias 12 e 19. Os casos serão analisados no plenário virtual, ambiente em que os ministros depositam os votos em vez de debater presencialmente e por vídeo. Foi uma jogada estratégica, já que, para iniciar julgamentos nesse espaço, o relator não precisa da anuência do presidente do STF.

Os ministros avaliarão, por exemplo, um agravo em que a PGR contesta a decisão em que Moraes determinou que a Polícia Federal realizasse um relatório sobre o material obtido com a quebra do sigilo telemático — ou seja, de mensagens — de alvos do inquérito que mira Bolsonaro, um auxiliar e o deputado Filipe Barros pela divulgação de uma investigação sigilosa a respeito de um ataque hacker ao TSE em 2018, o qual não comprometeu o sistema de votação. Moraes despachou após a PGR defender o arquivamento do processo, embora a PF tenha apontado que o presidente cometeu o crime de violação de sigilo funcional.

Estão na pauta, ainda, recursos de aliados de Bolsonaro investigados no inquérito que apurou a organização dos atos do Sete de Setembro de 2021. Aberto no ano passado, o processo compromete dez nomes, como o do cantor Sérgio Reis, que falou em um áudio vazado em invadir o STF, quebrar tudo e "tirar os caras na marra", além do deputado Otoni de Paula e do presidente licenciado da Aprosoja, Antônio Galvan. Parte deles jamais cessou os ataques ao Judiciário. "Quem vai comandar a nossa eleição é o cidadão que já foi secretário do vice de Lula. Vocês não acham isso um tanto estranho?", provocou Galvan em um vídeo publicado no Instagram no último dia 31, classificando o ministro, ainda, como um "aliado" do PT. "Vamos pedir a troca de Alexandre de Moraes para dar segurança e transparência às eleições", emendou.

O quarto processo, conhecido como "inquérito das fake news", é o que alcança os nomes mais próximos de Bolsonaro, chegando a atingir Carlos e Eduardo, os filhos 02 e 03 do presidente, além de apoiadores fiéis, como Allan dos Santos. Os debates definirão a postura do STF a menos de um mês do Sete de Setembro "anabolizado", planejado pelo Executivo para intimidar a Corte. Para garantir um número alto de apoiadores nas ruas, Bolsonaro convocou a principal concentração para o Rio, seu curral eleitoral, e ordenou a mudança do espaço do desfile, que, pela primeira vez, será realizado na praia de Copacabana. A reação à pirotecnia ficará a cargo de Fux, que dará lugar a Rosa Weber, uma ministra mais "linha-

"Quem vocifera não aceitar resultado diverso da vitória não está defendendo a auditoria das urnas. Está defendendo apenas o interesse próprio"
Edson Fachin, presidente do TSE

ALGOZ
Ministro Alexandre de Moraes: o relator de inquéritos que afetam Bolsonaro assume dia 16 a presidência do TSE

FOTO: ADRIANO MACHADO/REUTERS/FOTOARENA

"URGENTÍSSIMO" Representantes das Forças Armadas checam códigos-fonte das urnas eletrônicas no TSE, na quarta-feira, 3

-dura", cinco dias depois.

Em meio aos sensíveis julgamentos no STF, Moraes será empossado, em 16 de agosto, como presidente do TSE. Bolsonaro, que já recebeu o convite para a cerimônia, comentou com aliados que prefere não comparecer, mas ainda não deu uma resposta formal ao tribunal e, portanto, ainda tem tempo para mudar de ideia. A expectativa é que o ministro faça um contundente discurso em defesa das urnas e comprometa-se a combater as milícias digitais e a difusão de notícias falsas. Como, pelo rito de praxe do cerimonial, não há espaço para falas de presidentes, o capitão teria de engolir seco.

RECADOS A BOLSONARO

Ministros da Esplanada com trânsito no Judiciário, entretanto, agem para aparar as arestas antes do evento e evitar mais um ponto de tensão. Ciro Nogueira, da Casa Civil, e Bruno Bianco, da Advocacia-Geral da União, já conversaram com Moraes sobre estratégias para melhorar a relação da Corte com o Planalto e, ao mesmo tempo, buscam evitar a "indelicada" ausência de Bolsonaro na cerimônia, que indicaria baixa predisposição a um acordo. Na construção da ponte, eles argumentam até mesmo que a confirmação da presença do presidente pode levar Moraes a "abrandar" seu pronunciamento, sem deixar de lado, claro, as bandeiras que são caras ao TSE.

Os mesmos palacianos já buscam pavimentar o caminho para uma aproximação maior entre Moraes, considerado "mais político" do que Fachin, e o ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira. O general coleciona atritos com o atual presidente do TSE e já reclamou, por exemplo, da resistência do magistrado em receber militares para uma reunião exclusiva, o que, na avaliação da Esplanada, pode ocorrer na gestão Moraes.

A bronca de Fachin com Nogueira não é desarrazoada. O ministro, antes solícito no diálogo com a Defesa, mudou de atitude ao, segundo integrantes do tribunal, perceber que o general estava usando o espaço cedido às Forças Armadas na comissão de fiscalização das eleições para abastecer e referendar os ataques de Bolsonaro ao TSE. Nesta semana, por exemplo, em mais uma investida, Paulo Sérgio Nogueira enviou um ofício à Corte, classificado como "urgentíssimo", para pedir acesso ao código-fonte das urnas eletrônicas, o qual está disponível desde outubro do ano passado. Agiu, portanto, para garantir mais um factóide ao chefe. No dia seguinte, nove militares foram ao tribunal para iniciar a inspeção, que deve se arrastar até o dia 12.

Avesso a meias palavras, Fachin deu um de seus últimos recados a Bolsonaro, como presidente do TSE, na abertura dos trabalhos do tribunal, quando pediu que os eleitores "não cedam aos discursos que apenas querem espalhar fake news e violência". "Quem vocifera não aceitar resultado diverso da vitória não está defendendo a auditoria das urnas eletrônicas e do processo eleitoral de votação, está defendendo apenas o interesse próprio de não ser responsabilizado pelas inerentes condutas ou pela inaptidão de votado pela maioria da população", afirmou. O ministro não poderia estar mais correto. Todos os corredores do Planalto já foram palco de conversas em que o presidente admite a aliados sua real preocupação: a prisão depois das eleições, caso seja enxotado da cadeira. ■

FOTO: WILTON JUNIOR/AGÊNCIA ESTADO

O PESO DO VOTO FEMININO E DOS JOVENS

Com perfil crítico a Bolsonaro, os dois grupos terão um peso inédito na disputa presidencial. O número de mulheres aptas a votar chegou ao maior nível da história e o de adolescentes de 16 e 17 anos dobrou entre 2018 e 2022

Ana Viriato

Em uma polarização inédita, a eleição presidencial de 2022 pode ser decidida pelas mãos de segmentos historicamente negligenciados pela política nacional: as mulheres e os jovens. Esses grupos, que, segundo estudos, foram os mais afetados pela pandemia, dos aspectos econômicos aos de saúde mental, tiveram um crescimento numérico significativo entre os brasileiros aptos a votar. Não à toa, o presidente Jair Bolsonaro moldou estratégias para crescer nos dois núcleos, que lhe impõem os maiores índices de rejeição na campanha, e Lula busca manter a fidelidade dos que, por ora, o escolhem.

Seguindo uma tendência iniciada em 2002 e apesar de atuarem em minoria em espaços de poder, as mulheres são maioria no eleitorado — elas representam 53% dos brasileiros com o título de eleitor em situação regular e, consequentemente, um nicho com um potencial de 82,3 milhões de votos. O segmento significa uma dor de cabeça para Bolsonaro porque, nele, Lula está quase 20 pontos percentuais à frente.

O baixo rendimento do presidente no grupo, dizem especialistas, é reflexo não apenas de declarações misóginas do capitão, mas também da má gestão da pandemia, do quadro caótico da economia e de uma postura que escanteou as necessidades da população feminina. As mudanças implementadas no Auxílio Brasil, uma versão repaginada do Bolsa Família, por exemplo, são classificadas como equívocos. É que, no programa da era PT, o valor do benefício repassado a cada casa era definido com base na composição familiar, enquanto na versão bolsonarista todos recebem o mesmo recurso — das mães solo com cinco filhos aos homens que vivem sozinhos. Para especialistas, os que mais precisam, portanto, acabaram prejudicados.

A redução do financiamento de políticas especificamente voltadas ao público feminino, pontuam especialistas, piora o quadro. "O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos é campeão nos retrocessos, com queda de 46% de investimentos. Além disso, lamentavelmente, neste ano ainda tivemos a marca histórica da pior verba na era Bolsonaro para combate à violência contra mulher, conforme dados do Inesc", explicou a advogada Maíra Recchia, especializada em Direitos da Mulher. "Quando há um corte expressivo no investimento de pautas relativas às mulheres, aliado a uma pandemia em que os casos de agressão doméstica explodiram, o resultado é estarrecedor: mais violência, mais degradação e mais desamparo", emenda.

O peso do voto dos jovens também deve ser inédito. Para 2022, 2,1 milhões de adolescentes de 16 e 17 anos optaram por tirar o título de eleitor e poderão ir às urnas, apesar de não serem obrigados. O número representa mais do que o dobro da quantidade de jovens aptos a votar em 2018 e quebrou uma sequência de queda no interesse deles nas eleições, inaugurada em 2010 — a alta é resultado de uma mobilização nas redes sociais, puxada por nomes de peso, como a cantora Anitta, que fazem campanha contra Bolsonaro.

A REJEIÇÃO DOS JOVENS

De acordo com pesquisas de opinião, Bolsonaro é o presidenciável com o maior nível de rejeição entre pessoas de 16 a 29 anos. Para o cientista político Adriano Oliveira dos Santos, o capitão peca ao não levar às ruas um discurso voltado à edu-

FOTO: GABRIEL REIS; CESAR OGATA

ELES TÊM A FORÇA Bianca Molina, 29, Carol Fraga, 23, e Grieco Holtz, 24: Bolsonaro é o presidenciável com o maior nível de rejeição entre pessoas de 16 a 29 anos. Para este ano, 2,1 milhões de adolescentes de 16 e 17 anos tiraram título de eleitor

cação e falhou em não desenvolver políticas sociais. "Lula ainda lucra com programas grandes, como ProUni e Fies. Enquanto isso, as pesquisas qualitativas mostram que jovens crêem que Bolsonaro não lhes entregou oportunidades tanto para a entrada nas universidades quanto para o ingresso no mercado de trabalho", explica o professor da Universidade Federal de Pernambuco.

Ciente do "gap" na campanha do capitão, Lula passou a apostar em agendas com estudantes. Na semana passada, em visita a Brasília, prometeu criar um Programa Emergencial de Inclusão e Reintegração Educacional para os jovens sem escola em diferentes graus educacionais. Além disso, assegurou que reforçará o orçamento de agências de fomento federais como CNPq, Finep e Capes. Bolsonaro, na outra ponta, deu enfoque à discussão da otimização da tecnologia e ampliou na campanha o destaque à implementação do 5G no País. As pesquisas mostram que a queda de braço vale o fôlego. Sem maioria entre mulheres e jovens, vencer as eleições é uma missão inglória.

Para reduzir a desvantagem do presidente entre o eleitorado feminino, o QG da campanha escalou Michelle Bolsonaro, uma figura "doce" e "gentil", nas palavras de aliados do Planalto. Os estrategistas apontam que, segundo pesquisas, a população feminina está menos convicta do que os homens em relação aos próprios votos e pode mudar de lado. O papel da primeira-dama, assim, será reverberar a retórica de que, embora tenha deixado as políticas voltadas a mulheres naufragarem, Bolsonaro "compensou" com atos mais amplos, a exemplo da titulação de terras e da transposição do Rio São Francisco, que, segundo o governo, beneficiam, em maior parte, as mães solo e as chefes de família. Janja, a esposa de Lula, na outra ponta, rememora, sempre que pode, os desmandos do Executivo. ■

"O Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos é campeão nos retrocessos, com queda de 46% de investimentos"

Maíra Recchia, advogada

A propaganda oficial do governo

Em ano eleitoral, **Bolsonaro amplia gastos mensais** com a divulgação de obras e programas da própria gestão. **Campanha mais cara de 2022** impulsiona o governo com os motes de **seu comitê de reeleição**

Ana Viriato

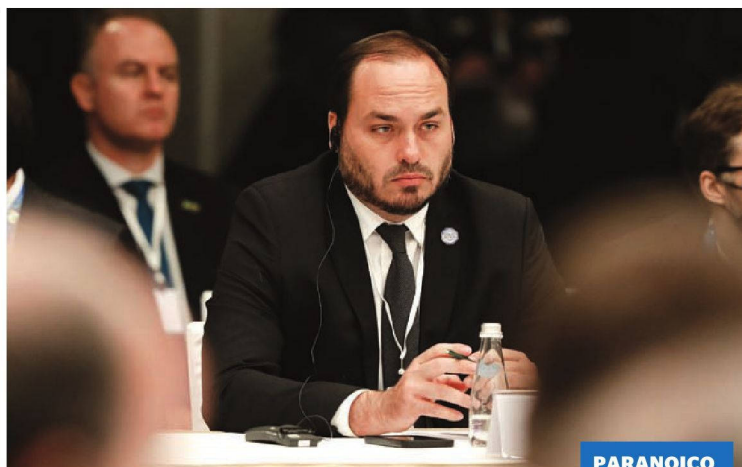
Eleito com a promessa de implantar uma nova política, Bolsonaro repete os antecessores e recorre à máquina pública para o financiamento de sua obsessão por um novo mandato. O vaivém entre estados em aviões da Força Aérea Brasileira tornou-se semanal, o Palácio do Planalto serve como palco para espetáculos golpistas do presidente e os cofres públicos estão sendo drenados para bancar um pacote social inconstitucional voltado à melhora dos números do capitão nas pesquisas. Mas não é só. O mandatário não poupa dinheiro para "entrar" na casa de todos os brasileiros e dobrou os gastos com publicidade oficial para promover as ações de seu governo, que, sem nenhum pudor, tem os mesmos motes da propaganda da campanha da reeleição.

O orçamento de 2022 bancou R$ 155,7 milhões em publicidade institucional do governo, via ministérios e Presidência, apenas nos sete primeiros meses do ano. A bolada de dinheiro equivale a quase o dobro dos R$ 79,8 milhões investidos em peças publicitárias no mesmo período do ano passado, em valores corrigidos pela inflação. Os números foram levantados pela Associação Contas Abertas, a pedido da ISTOÉ, com base em dados do portal Siga Brasil, mantido pelo Senado, e do site da Secretaria de Comunicação da Presidência (Secom).

A publicidade institucional, priorizada pela gestão Bolsonaro no ano eleitoral, é a modalidade usada para a divulgação de informações sobre atos e obras do governo. O dinheiro bancou, portanto, as "vitrines eleitorais" do presidente, como o Auxílio Brasil, uma versão repaginada do Bolsa Família; o Casa Verde e Amarela, a nova cara do Minha Casa, Minha Vida; e o Titula Brasil, programa de apoio à titulação de assentamentos e de áreas públicas da União, usualmente cita-

FOTOS: SÉRGIO LIMA/PODER360; ALAN SANTOS/PR

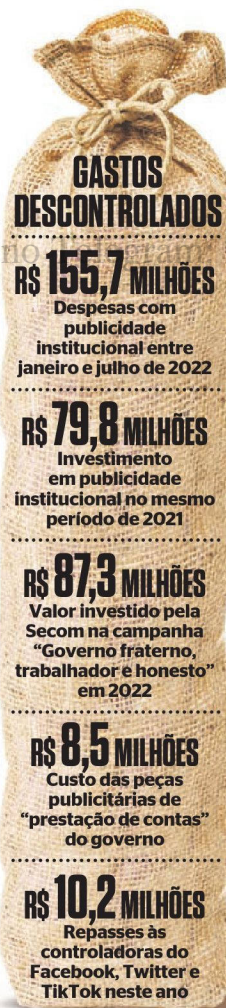
“A conexão do presidente com o povo é algo inexplicável”

Fábio Faria, ministro das Comunicações

PARANOICO Carluxo vê conspiradores no governo para a suspensão da publicidade oficial no período eleitoral

do pelo capitão quando ele esbraveja ter “acabado” com o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

De acordo com o levantamento, a campanha mais cara do ano é a que reúne os motes “Governo Fraterno”, “Governo Trabalhador” e “Governo Honesto”. Para bancá-la, a gestão Bolsonaro desembolsou R$ 87,3 milhões entre janeiro e 25 de julho. Procurado, o Ministério das Comunicações não informou quantas peças integram a ação publicitária, nem por quanto tempo ela foi veiculada. O governo ainda depositou R$ 8,5 milhões em uma campanha de prestação de contas e R$ 5,5 milhões na divulgação da implementação da tecnologia 5G no País, a menina dos olhos de Fábio Faria no Ministério das Comunicações. Como a lei proíbe publicidade oficial três meses antes das eleições, o governo retirou esse material do ar.

Ignorando a legislação, Carlos Bolsonaro, que cuida da comunicação da campanha do pai nas mídias digitais, usou a suspensão da propaganda oficial para sugerir uma “trama” de adversários políticos dentro do próprio governo. “Considero bem curioso e esclarecedor a esmagadora maioria dos órgãos de governo literalmente pararem de divulgar ações de Estado. Meios de informações gratuitas paradas e que nada têm a ver com a promoção de A ou B, como se não existissem contas a prestar ao cidadão? Lamentável!”, bradou. “Inclusive apagando histórico de ações antes de qualquer ‘entendimento posterior’! É lamentável e inacreditável!”, concluiu Carluxo.

Presidenciável com maior engajamento nas redes, Bolsonaro ampliou os repasses ao Facebook, Instagram, Twitter e TikTok para impulsionar publicações positivas sobre o governo. As transferências às controladoras saltaram de R$ 3,8 milhões em 2021 para R$ 10,2 milhões neste ano. O investimento no Google, que gerencia o YouTube, também cresceu – subiu de R$ 362,2 mil para R$ 655,1 mil. A estratégia faz sentido. Uma pesquisa do Instituto Datafolha divulgada em julho mostra que 99% dos brasileiros com idade entre 16 e 34 anos têm acesso a pelo menos um aplicativo de relacionamento. E, nesse quesito, Bolsonaro está 30 pontos atrás de Lula. Ou seja, o cidadão vem pagando a maior exposição da candidatura pela reeleição com o uso descarado de recursos públicos. ■

GASTOS DESCONTROLADOS

R$ 155,7 MILHÕES
Despesas com publicidade institucional entre janeiro e julho de 2022

R$ 79,8 MILHÕES
Investimento em publicidade institucional no mesmo período de 2021

R$ 87,3 MILHÕES
Valor investido pela Secom na campanha “Governo fraterno, trabalhador e honesto” em 2022

R$ 8,5 MILHÕES
Custo das peças publicitárias de “prestação de contas” do governo

R$ 10,2 MILHÕES
Repasses às controladoras do Facebook, Twitter e TikTok neste ano

IVETE SANGALO ✦ DELACRUZ ✦ ALOK
LUEDJI LUNA ✦ JORGE E MATEUS ✦ POCAH
BLACK ALIEN ✦ EMICIDA ✦ THIAGUINHO
MARINA SENA ✦ LAMPARINA ✦ LUDMILLA
CLAUDIA LEITTE ✦ PABLLO VITTAR ✦ FÁBIO JR.
GILSONS PART. GILBERTO GIL ✦ ALCIONE
GAL COSTA ✦ EU AMO BAILE FUNK ✦ RAEL
BAIANASYSTEM ✦ ZECA PAGODINHO ✦ JÃO
MANO BROWN ✦ DUDA BEAT PART. FLOR GIL
MELIM PART ANA GABRIELA E OUTROEU ✦ BK'
BELO ✦ MUMUZINHO ✦ MAJUR ✦ GLORIA GROOVE
PAULINHO DA VIOLA ✦ VITÃO ✦ PIXOTE
PLANET HEMP ✦ NANDO REIS ✦ PARALAMAS
LUÍSA SONZA ✦ FERRUGEM ✦ CHICO CHICO
FRANCISCO, EL HOMBRE ✦ L7NNON ✦ PAPATINHO
NEY MATOGROSSO ✦ DAPARTE part. SAMUEL ROSA
MAIARA E MARAISA ✦ LAGUM ✦ DILSINHO
LUAN OTTEN PART. ELANA DARA E MARIANA NOLASCO
CYNTHIA LUZ ✦ MENOS É MAIS ✦ CÉU ✦ XAMÃ
ZÉ NETO E CRISTIANO ✦ FP DO TREM BALA ✦ DJONGA
MATUÊ ✦ RIVKAH part. ZEEBA E ROBERTA CAMPOS

E MUITO MAIS!

JUSTIÇA Giovanna Ewbank, Bruno Gagliasso, Titi, Bless e Zyan (ao centro): luta contra o ódio racial

DIFERENÇAS ÉTNICAS

Aumento nos casos de manifestações racistas e xenófobas contra brasileiros

Número de ataques sofridos por brasileiros em Portugal em 2020

Racismo à portuguesa

Agressão aos filhos dos atores Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso em restaurante na Costa de Caparica expõe racismo estrutural no país, que não criminaliza a injúria racial *Vicente Vilardaga*

Mais do que um caso isolado, o ataque aos filhos dos atores Giovanna Ewbank e Bruno Gagliasso no restaurante Clássico Beach Club, na Costa de Caparica, sábado, 30, mostra uma fratura na sociedade portuguesa, que pouco combate o preconceito racial. Os pequenos Titi e Bless, além de uma família de africanos que estava no estabelecimento, foram ofendidos por uma mulher chamada Maria Adélia Freire de Andrade, de 57 anos, que os chamou de "pretos imundos" e disse para voltarem para a África. O incidente expôs vícios que só vieram à tona e ganharam repercussão internacional porque se trata de um casal de celebridades com influência e capacidade financeira para levar a agressão para a Justiça. A mulher acabou detida não pelas manifestações de preconceito, mas porque também ofendeu policiais. Na delegacia, foi solta. Se as crianças não tivessem pais brancos, como admitiu a própria

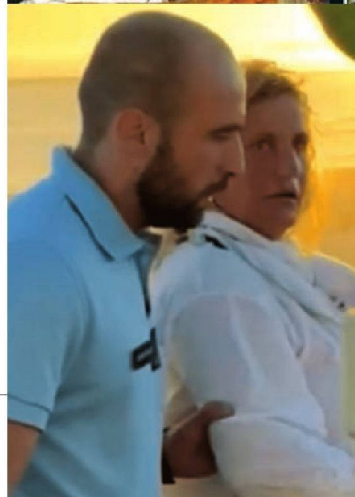
FOTOS: DIVULGAÇÃO

Giovanna, dificilmente teriam sido defendidas com o mesmo vigor. De qualquer forma, o conflito acendeu um debate público que costuma ser escamoteado pelos portugueses que preferem não discutir a escravidão e nem o racismo embutido na colonização e praticado no país até hoje. Agora que o ministério público local decidiu entrar firme no caso, é possível que se veja inclusive um aperfeiçoamento da legislação para que se torne menos permissiva.

O presidente Marcelo Rebelo de Souza divulgou uma nota condenando atos racistas e xenófobos e disse que eles devem ser "devidamente punidos, seja qual for a vítima". Giovanna e Bruno prestaram queixa contra Maria Adélia e vão levar o caso até o fim. Mas há dúvidas sobre as reais consequências que a agressora deverá sofrer. A lei local não tipifica o crime de injúria racial, ao contrário do que acontece no Brasil. Lá, a difamação e a injúria não prevêem qualquer agravante de ódio por questões étnicas. Embora tenham sido os inventores da escravidão moderna, os portugueses preferem não refletir sobre o assunto e só em setembro do ano passado apresentaram um projeto no parlamento para melhorar a situação atual. Apesar das lacunas na legislação, a advogada Mariana Zonenschein, que atua em processos de Giovanna e Bruno, acredita que o caso envolvendo Titi e Bless pode, de fato, ser punido criminalmente. "As ofensas proferidas em local público, repleto de gente, se enquadram à previsão legal do artigo 240 do Código Penal", diz Mariana. O artigo diz que "ameaçar pessoa ou grupo de pessoas por causa da sua raça, cor, com intenção de incitar à discriminação racial é punido com pena de prisão de seis meses a cinco anos".

"Não acho que o português seja inconsciente, mas acho que na sociedade portuguesa não há um debate, como há no Brasil ou nos Estados Unidos, e a discussão racial que existe é muito limitada em termos de opinião pública", diz o historiador Leandro Junqueira, pesquisador sobre racismo da Universidade do Minho, em Braga, que está de mudança para Angola onde dará aulas para alunos do ensino fundamental. "A minha observação como professor de história é que existe um silêncio sobre esse passado colonial, sobre o racismo. O português médio quer esquecer o assunto e o Estado não incentiva o debate público. "Para Junqueira, se percebe na sociedade uma vergonha da escravidão, como se o passado devesse ser esquecido e não tivesse nenhuma relação com o presente", afirma. Um estudo feito pela pesquisadora Marta Araújo, do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, mostrou que os "livros didáticos do país escondem o racismo do colonialismo português e naturalizam a escravatura". A escravidão não ocupa mais de três páginas nos livros didáticos adotados pelas crianças portuguesas, sendo tratada de forma vaga e superficial.

BRASILEIROS Barbara Thomaz foi vítima de agressão no Uber, em Lisboa

O problema do racismo e da xenofobia é grave em Portugal. Entre 2017 e 2020, manifestações de aversão a brasileiros subiram mais de cinco vezes, saltando de 18 para 96, segundo a Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial (CICDR). Isso representa um aumento de 433%. No final de julho, a brasileira Barbara Thomaz e duas amigas foram vítimas de xenofobia de um motorista da Uber em Lisboa. Elas saíam de um jantar e, quando o motorista se deparou com as três mulheres, passou a agir de forma violenta, inclusive dirigindo em alta velocidade, colocando em risco a vida delas. Em relatos nas redes sociais, Bárbara ressaltou que ela e as amigas estavam consternadas com o ocorrido, uma vez que a segurança delas, a nacionalidade e o gênero foram atacados de forma gratuita. Como diz o presidente Rebelo de Sousa, "há, infelizmente, setores racistas e xenófobos entre nós, mas não se pode, nem deve generalizar, pois o comportamento da sociedade portuguesa é, em regra, respeitador dos direitos fundamentais e da dignidade da pessoa humana". É hora, porém, de diminuir a voz desses setores desviantes. ■

REAÇÃO Diante dos ataques, Giovanna Ewbank reagiu com vigor e deu um tapa na mulher. Bruno Gagliasso tratou de chamar a polícia.Ao lado, Maria Adélia é encaminhada à delegacia por desacato a autoridade, mas foi solta. O Ministério Público português investiga o caso

ARGENTINA EM LIQUIDAÇÃO

Foi assim nas férias e continua em agosto: brasileiros tomam hotéis, lojas, feiras e restaurantes em cidades da Argentina como Buenos Aires e Mendoza, onde o câmbio faz o turista se sentir milionário, com a carteira transbordando de pesos

Denise Mirás

Para se ter ideia do tamanho da crise na Argentina, nem é preciso checar índices econômicos. Basta saber que até para brasileiros o país se tornou atraente. Mesmo com o preço das passagens aéreas ainda alto, se não pensar em muitas compras, principalmente de eletrônicos, o turista pode passar dias apreciando cafés e tangos na capital portenha, deslizando pelas encostas de neve, acompanhando o movimento de geleiras, navegando entre ilhotas, fazendo trekking ou viajando de trem pagando barato pelos passeios e ainda comendo muito bem.

A tradicional gangorra que empurra brasileiros para a Argentina e vice-versa, de acordo com os altos e baixos de cada país, está pendendo para o lado de lá. É a vez deles sofrerem com uma economia cada vez mais claudicante e com mudanças de ministros — Silvina Batakis não ficou nem um mês na cadeira e agora é Sergio Massa que comanda um superministério que, além da Economia, unificou Desenvolvimento Produtivo e Agricultura, Pecuária e Pescas. Mas, para o turista daqui, o interessante mesmo é saber que um real vale pelo menos 24 pesos — no câmbio oficial — e um dólar, 132 pesos.

Já parece uma fortuna, mas ainda é possível trocar pelo dobro, enviando pix de reais para a Western Union (que oferece serviços financeiros online) e, já na Argentina, retirar os pesos convertidos nas casas da empresa. A transação é legal, convertendo os valores ao dobro do câmbio oficial, aproximadamente.

Felipe Abílio, que passa uma temporada mochilando naquele país e alimentando o canal GoAbilio no Youtube, está na província de Buenos Aires. A viagem se estende há seis meses justamente pelas condições econômicas. As passagens aéreas "agora estão bem mais caras", diz, mas ainda assim Airbnb e mercado compensam. Ele até está atrás do visto "nômade", que prorroga prazos de estadia de 90 dias para mais 90. Esse novo visto é uma "arma" para a Argentina, que na crise tem no turismo sua maior fonte de renda. Segundo o Ministério de Turismo y Deportes, entre janeiro e abril entraram mais de 1,4 milhão de visitantes. Desse total, 35% são brasileiros, seguidos por uru-

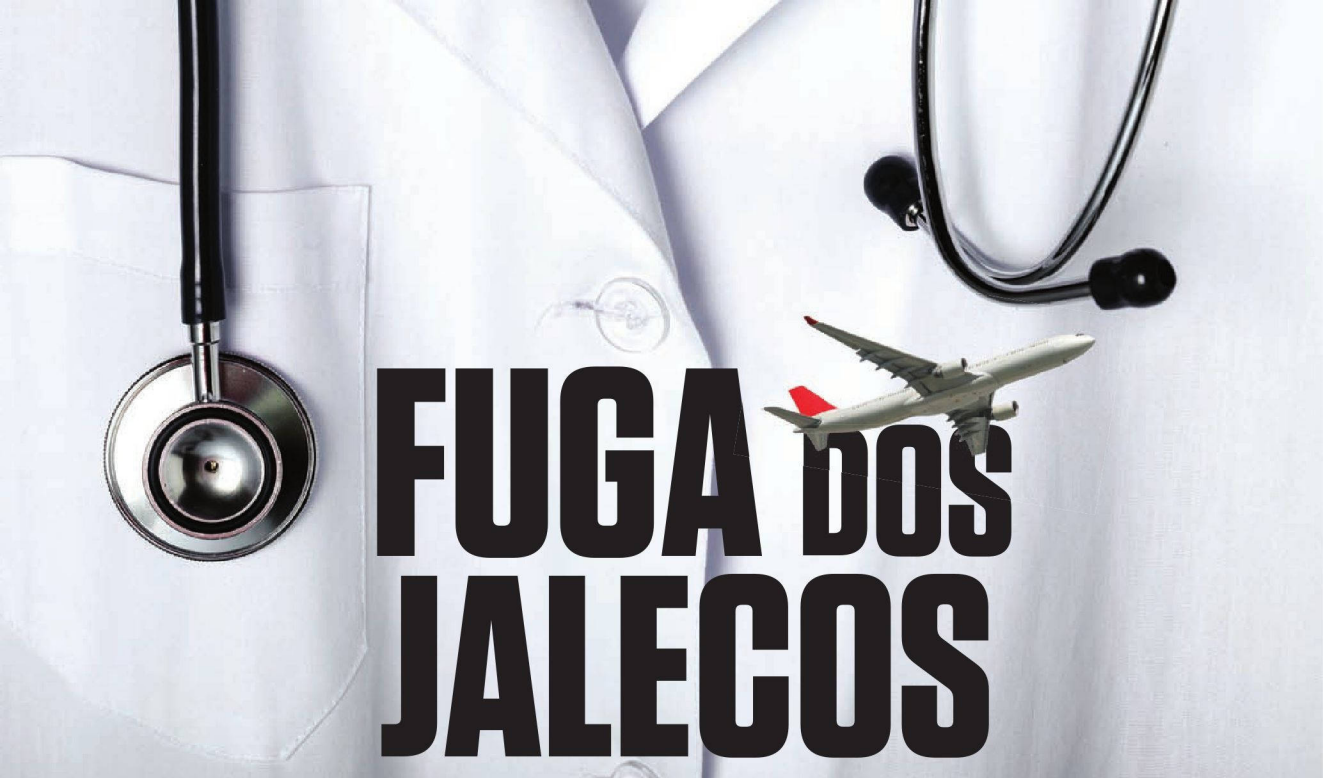
FOTOS: ISTOCKPHOTOS; PHOTO BY LUIS ROBAYO/ AFP; DIVULGAÇÃO

TRADIÇÃO Das clássicas casas de tango (abaixo) a passeios como no coloridíssimo bairro do Caminito (acima, à esq.), ou em barcos pelo rio Tigre e mesmo em caminhada gastronômica em Puerto Madero, brasileiros lotam ruas, hotéis e mercados atrás de preços baixos

CUSTO-BENEFÍCIO Roberto Uebel trocou a semana no Nordeste por férias em Buenos Aires. Lá, cinco diárias em hotel quatro estrelas equivaliam a uma noite em hotel simples em Gramado (RS)

guaios, à frente de americanos. José Roberto Cocco, da Academia Brasileira de Eventos e Turismo, lembra: "O turismo vai para onde o câmbio está melhor e, no momento, é muito favorável aos brasileiros na Argentina. Quem vai para uma semana acaba ficando duas, se puder. O dinheiro rende".

Apesar do preço de passagens aéreas ainda estar alto no pós-pandemia, neste segundo semestre a Gol vai dobrar os voos para a Argentina, o país mais buscado por seus clientes em relação aos seis primeiros meses de 2022. Além de Buenos Aires e Mendoza, voltará com Córdoba e Rosário em novembro. E além das saídas de São Paulo, Rio de Janeiro e Florianópolis, Fortaleza entra na lista em agosto. Os voos ida e volta passarão de 26 para 37 em setembro. Em dezembro, também sairão de Natal, Maceió, Recife e Salvador.

O economista Roberto Uebel, professor da ESPM Porto Alegre, optou por uma semana de férias em Buenos Aires há um mês porque aqui no Brasil só a passagem Porto Alegre-Fortaleza para o casal estava R$ 6 mil "e nós ainda pudemos descer de carro para a Argentina". As cinco diárias que pagou em um hotel quatro estrelas na capital portenha, segundo o professor, equivalia a uma noite em hotel mais simples de Gramado. Pelas ruas, hotéis, lojas e restaurantes lotados de brasileiros, Uebel pôde constatar a valorização do real, que estava valendo 47 pesos pela Western Union, e aproveitar preços de jantares em torno de R$ 40 (pela "tabela McDonald's", o hambúrguer estava custando a metade do Brasil). "Até fomos em um balé com ópera no tradicional Teatro Colón com ingresso a R$ 12. O único problema é que na troca de moedas, como os meus R$ 500 valendo 26 mil pesos, as notas não cabem na carteira. Não é muito, mas a gente se sente um milionário", afirma. ■

FUGA DOS JALECOS

Hospitais, clínicas e empresas da área de saúde nos EUA têm vagas abertas para profissionais especializados e atraem cada vez mais médicos e enfermeiros brasileiros

Fernando Lavieri

O setor de saúde é um dos mais movimentados no que diz respeito a oportunidades de emprego. Esse fato ocorre tanto internamente quanto no exterior. Médicos de todas as especialidades, enfermeiros que atendem nas diversas áreas hospitalares, dentistas e outros profissionais são sempre bem valorizados no mercado. E ao pensar em chances internacionais, os Estados Unidos historicamente são um dos países que mais absorvem trabalhadores de todos os ramos de atuação e de muitas nacionalidades. Agora, sobretudo, o foco está nos trabalhadores da saúde. Há atualmente cerca de 300 mil postos de trabalho na área a serem preenchidos. O próprio governo norte-americano divulgou que precisa, ainda em 2022, de mais de 16 mil trabalhadores de cuidado primário (médicos e enfermeiros), 11 mil novos dentistas e 7 mil profissionais da área da saúde mental para reduzir a falta de mão de obra especializada. Essa situação de mercado está atraindo cada vez mais profissionais estrangeiros, inclusive brasileiros, causando por aqui uma espécie de fuga dos jalecos, dada a maneira de se vestir dos médicos.

Pelo lado dos trabalhadores, há inúmeros fatores que induzem positivamente o indivíduo a se lançar na aventura. Primeiro, a possibilidade de experimentar viver em outra nação com muitas diferenças do Brasil, a começar pelo clima. Depois vem a necessidade de se dedicar arduamente para ter boa desenvoltura com a língua, o que melhora muito a convivência com os nativos. Por último, o desafio de se enquadrar às exigências feitas pelas autoridades no que se refere à apresentação e verificação dos documentos. "Ainda estamos em fase de reconhecimento e adaptação, o fuso horário é de quatro horas e a cidade tem um verão rigoroso, durante o dia pode fazer mais de 40°C", conta Mariana Mafre Sarmento, de 31 anos, enfermeira, especialista em obstetrícia.

Ela e o marido, Guilherme Mafra, engenheiro agrônomo, chegaram à cidade de Yuma, no Arizona, para morar de forma definitiva, em 16 de julho. A intermediação que tornou a empreitada possível foi realizada pela empresa em que ele atua. "Essa é a parte mais difícil, mas no nosso caso não demorou", diz Mariana. Realmente. O casal começou a juntar a documentação em meados do de janeiro. Em casos particulares, ou

seja, sem a essencial ajuda empresarial, o tempo máximo de espera para se conseguir uma autorização de entrada em território norte-americano pode chegar a três anos.

"É o visto que permite ao estrangeiro com uma carreira sólida adquirir um trabalho nos EUA e viver com sua família no país", afirma Leonardo Leão, CEO e consultor de imigração e negócios internacionais da Leão Group. Ele explica que há muitos tipos de vistos para quem quer laborar nos Estados Unidos. "Cada categoria de visto traz diferentes exigências, mas todas esperam que o imigrante comprove interesse e condições de contribuir com a sociedade", pontua. Após se estabelecer, Mariana, que já obteve o reconhecimento de sua formação acadêmica e do currículo profissional, vai passar pela avaliação do Board of Nursing, o conselho de enfermagem norte-americano, e, assim, poder atuar.

"Conseguimos regularizar nossa documentação rapidamente e estamos em fase de adaptação e reconhecimento"

Mariana Sarmento, enfermeira que acaba de conseguir emprego no Arizona

Segundo o Conselho Regional de Enfermagem (Coren), em São Paulo há o registro de 271 pedidos de certidões para que eles pudessem realizar os procedimentos de validação nos EUA, entre 2021 e 2022. No caso da enfermagem a remuneração chega a ser o triplo do que se ganha no Brasil. O aquecimento do setor de saúde pode ser visto pelo que divulgou a Associação Americana de Hospitais. Segundo a entidade, os EUA enfrentam uma escassez de 124.000 médicos, e, até 2033, precisarão contratar 200.000 novos enfermeiros para atender ao aumento da demanda.

É preciso ressaltar que não são todos os profissionais, mesmo na área médica, que têm "facilidade" para chegar aos EUA e rapidamente conseguir trabalhar. A paulista Paula Demétrio de Souza França, de 39 anos, oncologista e cirurgiã, de sólida formação e que trabalhou em diferentes hospitais renomados no País, como a Beneficência Portuguesa de São Paulo, está há três anos morando em Nova York, vinculada a um grande hospital (por motivos contratuais ela não pode revelar o nome), mas ainda não conseguiu fazer o que exercia no Brasil, as cirurgias. "Aqui sou pesquisadora, enquanto não consigo validar o meu diploma", diz. A dentista Cybelle Pereira, de 48 anos, natural de Belo Horizonte, é outra "veterana" em terras norte-americanas. Ela chegou à cidade de Pittsburgh, em 2016, com o diploma em mãos, mas teve que voltar para a universidade. Hoje está em fase de licenciamento na instituição de ensino local. "Trabalhei como assistente e depois num grande empresa chamada JBL, em Nova York, mas não atendendo diretamente o paciente", explica. De forma geral, as profissionais se sentem satisfeitas em tentar a vida nos Estados Unidos, e apesar de altos e baixos, afirmam categoricamente que se trata de uma grande oportunidade. ■

"Aqui nos Estados Unidos trabalho como pesquisadora enquanto não consigo validar meu diploma"

Paula de Souza França, médica que trabalha em Nova York

FOTOS: ISTOCK PHOTO; REPRODUÇÃO/DIVULGAÇÃO

Harry assusta a família real

Autobiografia do filho da rainha Elizabeth II deve trazer revelações inéditas capazes de abalar a monarquia britânica. Obra já está pronta e deve sair até o final do ano

Taísa Szabatura

Depois de diversos programas de televisão sobre sua família, milhares de reportagens abordando seu relacionamento amoroso e inúmeras biografias não autorizadas escarafunchando os mais diversos aspectos de sua existência, o príncipe Harry irá finalmente assumir o controle de sua narrativa. Desde que abandonou a vida como funcionário efetivo da coroa e migrou para os Estados Unidos ao lado de Meghan Markle, Harry tem tentado ser o protagonista de sua própria história. A primeira iniciativa para isso foi a bombástica entrevista à apresentadora Oprah Winfrey, seguida de um programa sobre saúde mental para o serviço de streaming da Apple. Agora, chega a cereja do bolo: um livro de memórias que deve chegar às livrarias até o final do ano e já está causando calafrios à família real.

Além de uma breve declaração à imprensa, pouco foi revelado. A obra, ainda sem

DONO DA NARRATIVA
Memórias de Harry: mesmo *ghost writer* que revelou ligações de Andre Agassi com as drogas

“Estou escrevendo não como o príncipe que nasci, mas como o homem que me tornei”

Príncipe Harry, duque de Sussex

DESAVENÇA William e Kate: o casal virou inimigo?

MADRASTA Charles estaria preocupado com possíveis revelações sobre a mulher Camila

título, foi escrita com a ajuda do *ghost writer* J.R. Moehringer, um vencedor do prêmio Pulitzer. Trata-se do autor responsável pela autobiografia do tenista Andre Agassi, um “livro-bomba” que virou best-seller em 2009 ao narrar o envolvimento do atleta com drogas. As memórias serão publicadas pela Penguin Random House, a maior editora do mundo, em um acordo estimado de 20 milhões de dólares. Uma fonte misteriosa disse ao jornal *The Sun* que o manuscrito “foi finalizado e passou por todos os processos legais. Está pronto e fora das mãos de Harry. A data de publicação foi adiada uma vez, mas acontecerá até o final do ano”. O conteúdo deverá responder a algumas questões importantes que cercam a família real. Quem foi o membro da realeza que temia pela cor de pele de seu filho com a duquesa de Sussex? Qual sua relação com a madrasta Camila? O elo entre William e Kate foi rompido definitivamente?

Harry não deve dizer nada negativo sobre a rainha, especula-se, mas o mesmo não pode ser dito em relação ao resto de sua família. O príncipe Charles estaria particularmente preocupado com a possibilidade de Harry mirar em sua esposa, já que ela teria tido um papel crucial nas dificuldades pelas quais sua mãe, a princesa Diana, passou enquanto ainda era casada. Para Carolina Pavesi, doutora em relações internacionais pela London School of Economics, os britânicos estão vendo esse lançamento como uma forma de traição. “Nos EUA, Harry e Meghan são populares, mas no Reino Unido as coisas são diferentes. Suas atitudes são percebidas como ataques desnecessários”, explica. Carolina diz que a coroa sempre foi marcada por grandes escândalos e que, por mais polêmica que a obra possa ser, a instituição é sólida e deverá se recuperar.

“Estou escrevendo não como o príncipe que nasci, mas como o homem que me tornei. Usei muitos chapéus ao longo dos anos, literal e figurativamente, e minha esperança é que, ao contar minha história — os altos e baixos, os erros, as lições aprendidas — eu possa ajudar a mostrar que temos mais em comum do que pensamos, não importa de onde viemos”, disse o duque de Sussex sobre a obra. A antropóloga Beatriz Accioly, que estuda violência de gênero na internet, aponta que o “personagem” criado em torno da figura de Meghan Markle vende e por isso é muito fácil que as pessoas joguem sobre ela a culpa por Harry ter abandonado a Inglaterra. “O livro é uma tentativa de contar a versão dele, de uma pessoa que nunca foi apaixonada pela vida na realeza, mostrar que a mudança não foi orquestrada por Meghan”, diz. Enquanto a publicação segue rodeada de mistérios, os tabloides já afirmam que há até o risco de a rainha Elizabeth II morrer de desgosto com a obra. Aos 96 anos, com 70 anos de reinado, a monarca, pelo menos em público, não deverá se deixar abalar. ■

Ilustração: Nilson Cardoso

Intriga internacional

Parece filme, mas é realidade: americanos e russos negociam a troca de prisioneiros que envolve um militar, uma jogadora de basquete e um traficante de armas

Felipe Machado

Dizem que a arte imita a vida, mas há casos em que a realidade é tão improvável que parece ter sido criada por um roteirista de cinema. Impossível elencar o número de produções que têm como pano de fundo o período da guerra fria, quando os espiões dos Estados Unidos e da União Soviética participavam de redes de intrigas e se infiltravam na sociedade civil para executar os mirabolantes planos das duas potências. Há sinais de que estamos vivendo algo semelhante agora – mas na vida real.

Os personagens não poderiam ser mais cinematográficos. Se a obra fosse filmada em Hollywood, teríamos um vilão perfeito: um traficante de armas russo.Viktor Bout (até o nome cai como uma luva para o antagonista) nasceu no Tajiquistão, tem 55 anos e era oficial da Força Aérea até 1991, quando a União Soviética se dissolveu. Com o colapso da URSS, suas repúblicas se viram detentoras de arsenais gigantescos de armamento pesado – e crises econômicas da mesma magnitude. Viktor viu aí uma bela oportunidade de negócios. Com seu conhecimento das rotas aéreas e marítimas, tornou-se a maior referência mundial no mercado negro do tráfico de armas, abastecendo guerrilheiros e exércitos em guerras civis e áreas de conflito do leste europeu à África, passando pela América do Sul e Oriente Médio. O potencial destrutivo dos produtos que Viktor negociava era tão grande que o ex-secretário de Estado britânico, Peter Hain, o batizou de "destruidor de nações". Dizer que a vida dele daria um filme não é apenas uma figura de linguagem: sua trajetória serviu de inspiração para *O Senhor das Armas*, produção de 2005 dirigida por Andrew Niccol. No papel de Viktor está o ator Nicholas Cage, que começa sua participação com uma fala antológica: "Há mais de 550 milhões de armas de fogo em circulação no mundo. É uma arma para cada doze pessoas no planeta. A única questão é: Como armamos as outras onze?", questiona o personagem Yuri Orlov. Capturado em 2008 após uma armadilha de agentes dos EUA em Bangkok, na Tailândia, Viktor Bout cumpre pena em uma prisão no estado de Illinois, perto de Chicago.

O herói dessa narrativa hollywoodiana da vida real segue as regras da diversidade que regem o cinema atual: é mulher, negra e gay. Brittney Griner, de 31 anos, é estrela da WNBA – a liga de basquete profissional feminina – e uma das maiores jogadoras dos EUA. Defendeu a seleção norte-americana nas olimpíadas do Rio de Janeiro e de Tóquio, ganhando a medalha de ouro em ambas as competições. Em 2013, declarou-se homossexual e assumiu o romance com Glory Johnson, uma companheira de quadra. As duas se separaram em 2016 e Brittney se casou com a estudante de Direito Cherelle Watson.

Em fevereiro deste ano, durante a entresafra da temporada esportiva nos EUA, Brittney foi convidada para disputar o campeonato russo pela equipe UMMC Ekaterinburg, uma das favoritas ao título. Desembarcou em Moscou, mas teve problemas na alfândega: a polícia encontrou em sua mala cartuchos de cigarro eletrônico com óleo de haxixe, droga proibida na Rússia. Brittney se declarou culpada no julgamento, alegando que confundiu a substância com um remédio para controlar a dor causada pelas lesões. A promotoria russa não acreditou na versão e a condenou a nove anos de prisão.

Para completar o enredo, há um terceiro personagem: Paul Whelan, ex-fuzileiro naval norte-americano. Em 2018, ele viajou a Moscou para o casamento de um amigo. O exército russo desconfiou e o deteve para averiguações. Whelan foi acusado de espionagem e condenado a 16 anos de prisão.

Como todo longa-metragem, além do elenco principal, temos os coadjuvantes. Aqui, políticos importantes que atuam nos bastidores. De um lado, representando a Casa Branca, temos o secretário de Estado, Anthony Blinken; do outro, em nome do Kremlin, o chanceler Serguei Lavrov. Os dois chefões negociam a troca de prisioneiros. O americano confirmou o plano; o russo preferiu a "diplomacia silenciosa", pelo menos até que a situação se resolva. Ainda não se sabe se o final dessa trama será feliz, mas há uma única certeza: ainda farão um filme dessa história. ■

À SOMBRA DOS PARREIRAIS

Com o aumento do consumo de vinhos no Brasil, incorporadoras lançam condomínios de alto padrão em meio a vinhedos com o diferencial de produzir rótulos exclusivos para moradores e oferecer uma imersão no universo das uvas *Elba Kriss*

OBRAS Terroir Vale dos Vinhedos, em Garibaldi (RS): entrega prevista para o fim do ano

Já imaginou ser proprietário de uma vinícola ou colher a uva do seu espumante no quintal de casa? Para os amantes do vinho, tais desejos podem virar realidade graças a um novo olhar do mercado imobiliário. Incorporadoras começam a lançar condomínios com vinhedos. Dados da Organização Internacional da Vinha e do Vinho, mostram que em 2021 foram consumidos 410 milhões de litros de vinho no Brasil e a produção vem crescendo em ritmo acelerado. Há também um maior interesse pelo produto e o contato direto com o processo de vinificação virou negócio. É o caso da Terroir Vale dos Vinhedos, em Garibaldi (RS), residencial que oferece a possibilidade de produzir espumantes a partir dos parreirais que ficam ao lado dos terrenos de propriedade da urbanizadora. São 56 lotes com preços entre R$ 800 mil e R$ 1,5 milhão à venda. "Comercializamos 60% deles", celebra Ricardo Siviero, diretor da Lex Empreendimentos Imobiliários, responsável pelo projeto. Com investimento de R$ 17 milhões, o diferencial do complexo é uma cave climatizada, onde cada proprietário poderá ter sua própria adega para até 150 garrafas. O residencial está em obras, com compradores ansiosos para iniciarem a construção de suas casas. "São pessoas querendo morar com qualidade de vida, principalmente depois da Covid-19", afirma.

Um dos compradores é o advogado Paulo Mortari, 57, de São Paulo, que pretende construir um imóvel para o lazer da família. "Frequento a região do Vale dos Vinhedos e sempre me hospedava em pousadas. A região era carente de condomínios", conta. O endereço a cinco minutos das melhores vinícolas da Serra Gaúcha o conquistou pelo valor "compatível com o mercado". Ainda no Vale dos Vinhedos, o Spa do Vinho, hotel de luxo instalado entre parreirais, lucra. O que começou com enoturismo se expandiu para o chamado "condomínio vitivinícola". "Foi uma evolução natural do nosso empreendimento, já que hóspedes queriam ter a oportunidade de ter seu próprio vinho", explica a sócia-proprietária Deborah Villas-Bôas Dadalt. Atualmente, a empresa oferece três modalidades de negócios. "A primeira é a Con-

FOTOS: ISTOCKPHOTO; DIVULGAÇÃO

ENOTURISMO
Spa do Vinho Condomínio Vitivinícola oferece experiências como o contato direto com o vinhedo

fraria Spa do Vinho, com a aquisição de apartamentos ou suítes do hotel", detalha. No segundo modelo, os clientes podem elaborar seu rótulo com a Vinícola Ales Victoria, parceira da empresa. A terceira alternativa está em fase final de implantação: o Condomínio Quintas D.O. "Por meio da aquisição de lotes, fracionados por período específico de tempo — semanas ou mês —, o proprietário se torna um pequeno vitivinicultor", informa.

Os novos empreendimentos buscam atender as expectativas de clientes que querem se desenvolver na vitivinicultura. Em Lavras (MG), o condomínio Vivert Reserva da Mata tem vinhedo e uma fábrica para a produção dos vinhos. São 156 lotes com preços que vão de R$ 500 mil a R$ 1 milhão. O residencial já vendeu 100 unidades, a infraestrutura foi entregue e já há habitantes. Idealizado pelos empresários Alessandro José Rios de Carvalho, de 52 anos, e Antônio Alberto de Carvalho Junior, 42, o enocondomínio tem opções ainda mais atrativas. "Todos os moradores têm o direito, se quiserem, de comprar uma cota e ser sócio da vinícola", explica Junior. O valor para tal gira em torno de R$ 100 mil e atrai adeptos como o servidor público Pedro Paulo Marques, 43. Ele adquiriu um lote, ergueu uma casa de veraneio e comprará uma cota da sociedade. A paixão pelo vinho o motiva. No último mês, ele teve a primeira realização como enófilo: participou da colheita de uvas. "Quem gosta viaja para outros países buscando essa experiência. E comigo foi acontecer justamente no quintal de casa", destaca. A Vivert tem novidades para os interessados. Seus idealizadores criaram as enovilas: 80 chalés para quem não almeja um lote. "Nesse caso, a pessoa compra 1/12 do chalé, o que dá direito a uso por 30 dias ao ano, e recebe a cota da vinícola", detalha Junior. "A estimativa é de que esse combo fique entre R$ 370 mil e R$ 420 mil", anuncia. O sonho de morar no meio de um vinhedo se torna uma possibilidade cada vez mais real. ■

CONSUMO EM ALTA

410 **Milhões de litros** Venda total de vinhos em 2021 no Brasil

53% Crescimento nas vendas nacionais no primeiro bimestre de 2022

1,10 **Milhão de litros** venda de espumantes só em janeiro deste ano

CONQUISTA
Antônio Alberto, Pedro Paulo e Alessandro José durante colheita no residencial Vivert Reserva da Mata, em Lavras (MG)

SATISFAÇÃO A gerente de marca Marcella Marana comemora a renda extra obtida com seu bazar de roupas usadas no Instagram: contribuição para projetos sociais

Jovens impulsionam comércio reverso

Indo além das dancinhas, tendências e desafios, as gerações Y e Z têm mostrado como é possível utilizar as redes sociais e as plataformas digitais para expor seus produtos e fazer bons negócios

Mirela Luiz

O recommerce, ou comércio reverso, não é uma novidade. Há muito tempo, livros velhos e roupas usadas contavam com espaços físicos para serem revendidos em locais como sebos e brechós. Contudo, além de sair mais barato ao bolso dos consumidores, o recommerce também está ligado a outra grande tendência: a redução do impacto ambiental. Por isso, também vem ganhando tração principalmente entre os mais jovens. Além de proporcionar um dinheiro extra com o que não se usa mais, um dos motivos pelos quais esse tipo de negócio se mostra como um forte movimento é o fato de poder contar com um público engajado com as causas e ideias do reaproveitamento de produtos. Os millennials, ou a geração Y, nascidos entre 1982 e 1994, estão nessa onda. Assim como a geração Z ou pós-millenial, jovens que nasceram entre 1995 e 2010 e chegaram ao mundo com um smartphone nas mãos.

A gerente de marca da Privalia, Marcella Marana, representante da geração Y, viu no seu guarda-roupa uma boa alternativa para arrecadar um dinheiro extra e ainda contribuir com projetos sociais. “Como trabalho com moda, tenho uma grande variedade de roupas no armário”, afirma. De acordo com dados da NielsenIQ Ebit, 91,7% dos consumidores têm a intenção de continuar comprando online no segundo trimestre de 2022. Essa é a maior projeção para o período desde 2018. Isso significa que o varejo digital já faz parte do dia a dia do consumidor e ele não pretende abandonar esse hábito adquirido durante o período de pandemia.

“As pessoas podem cumprir com a sua ideologia de consumo mais consciente e ainda contar com bons produtos a preços mais acessíveis. Como incentivadores desse ideal de desperdício zero, temos os consumidores mais jovens, extremamente habituados a comprar pela internet”, ressalta Thiago Mazeto, CEO da Tray, plataforma de e-commerce.

O recommerce permite que qualquer item seja comercializado nas principais plataformas online. Não existe uma regra para a revenda de produtos, desde que estejam em bom estado e possam ser aproveitados por outros consumidores. No início, Marcella lembra que começou emprestando roupas em algumas ocasiões para amigas, depois começou a trocar algumas peças. “Aos poucos fui entendendo que podia fazer isso de outra forma, atingindo um maior número de pessoas. Criei uma conta no Instagram somente para o bazar e comecei a divulgá-la”, explica.

IMPACTO SOCIAL Thiago Mazeto: “novas gerações têm forte compromisso ambiental”

FOTOS: JOÃO CASTELLANO; DIVULGAÇÃO; IVAN PACHECO

AS ESTRELAS DO RECOMMERCE

ELETRÔNICOS
Os produtos estão cada vez mais sofisticados e com soluções para esse mercado. Muitos aparelhos são feitos para serem substituídos por novos modelos e com novas funcionalidades

VIDEOGAMES
O mercado movimenta bilhões de dólares anualmente. As tecnologias estão abrindo novas possibilidades todos os dias e, cada vez mais, acessórios para os jogos aparecem e são desejados pelos consumidores

JÓIAS
O mercado de luxo está bem posicionado no universo da comercialização online de produtos usados. Afinal, muitas marcas são destinadas para um público com alto poder aquisitivo

ROUPAS DE GRIFE
Roupas de marca estão entre as tendências para esse modelo de negócio. A reutilização de determinadas marcas é uma novidade, já que a relação com as peças era restrita a um único dono

Segundo o estudo da NielsenIQ Ebit, os segmentos de Moda, Cosméticos, Acessórios e Perfumaria são os que mais se destacam no e-commerce. "Antes eu fazia apenas duas grandes divulgações ao longo do ano. Hoje faço com uma frequência bem maior. Aos poucos, também fui mudando o formato. Agora também faço curadoria das peças de amigas, quando têm um estilo adequado para o bazar", conta. Com o faturamento do recommerce, Marcella teve um aumento de renda na ordem de 20% – ela destina metade dessa porcentagem para assistência social. "O bazar não é minha renda principal. Atuo de maneira paralela ao meu trabalho e, por isso, dei a ele um significado maior para mim. Assim, posso reverter parte da renda para trabalhos sociais dos quais sempre gostei", diz. ■

TRADIÇÃO Hea Ja Shin Cho, 81 anos: à frente do restaurante Seok Joung, em São Paulo

A nova onda asiática

Valorização da culinária coreana faz restaurantes em São Paulo e Brasília ganharem mais clientes e fãs

Elba Kriss

A cultura da Coreia do Sul tem mais do que música e séries para oferecer. A rica gastronomia caiu no gosto do brasileiro e faz os restaurantes temáticos lucrarem. A onda coreana — chamada *Hallyu* — é resultado de um trabalho do governo coreano. Educação e cultura receberam investimentos nos últimos 30 anos, e o mundo passou a conhecer o K-Pop, D-Drama, o cinema e essa saborosa culinária. Em São Paulo, o restaurante Seok Joung, no Bom Retiro, conquista pela tradição. As proprietárias Suzana Cho, 48 anos, e Hea Ja Shin Cho, 81, conhecida como Dona Regina, estão há mais de 20 anos na região e notam a mudança na clientela, que só aumenta.

"Quando inauguramos, 90% dos clientes eram coreanos e 10%, brasileiros", conta Suzana. Hoje, o perfil mudou e há mais curiosos ocidentais no salão. "A internet e o streaming ajudaram a Coreia a ter visão", afirma. Nascida em Seul, Dona Regina é a responsável pelo sucesso do negócio, pois nada é servido sem sua aprovação. "Nossa comida é saudável. Não tem muita gordura", diz. A veterana ri ao falar do prato preferido dos brasileiros: "Gostam do churrasco". A carne, com um quê adocicado, foi aprovada. Outra iguaria também conquista: o kimchi, conserva de acelga apimentada. O alimento é considerado altamente saudável por conter antioxidantes, potássio, cálcio, vitamina A e vitamina K, alé, de outros compostos.

A exaltação é tanta que, em maio último, a Embaixada da República da Coreia no Brasil promoveu o Festival de Kimchi. O restaurante local Soban Korean Cuisine participou do evento, por meio dos proprietários Patricia Hyang Sook Lee, 50, e Paulo Seuk Hwan Yang, 52. "Kimchi vai bem com farofa, feijoada, pizza, arroz, feijão e ovo", garante Yang. Em São Paulo, um outro acontecimento gastronômico atraiu a onda coreana. Em julho, o Centro Cultural Coreano no Brasil promoveu a 4ª edição do Festival Coreano do Hilton São Paulo Morumbi, com as chefs sul-coreanas Sieun Lee e Han Hye Young. "Foi uma das melhores experiências como chef de gastronomia que já tive", afirma Hye. ■

TODOS QUEREM SER O TIKTOK

Instagram é alvo de críticas por ficar cada vez mais parecido com a plataforma chinesa. Agora as fotos dos amigos perdem lugar para o conteúdo patrocinado e para os vídeos curtos dançantes

Taísa Szabatura

Se você possui uma conta ativa em alguma das principais redes sociais da atualidade já deve ter percebido a novidade: as fotos dos familiares e amigos sumiram e no lugar surgiram os vídeos curtos de desconhecidos. Duas grandes mudanças na interface tanto do Instagram como do Facebook têm sido alvo constante de reclamação dos usuários: a enxurrada de conteúdo feito por pessoas que você não acompanha e os vídeos em tela cheia, como são mostrados no TikTok. As críticas ao novo formato não vêm apenas de anônimos, mas também de influenciadores famosos como Kylie Jenner e Kim Kardashian, que compartilharam posts para que "o Instagram voltasse a ser Instagram de novo".

O lema "Make Instagram great again" viralizou, ganhou mais de 1,6 milhão de curtidas e resultou em quase 140 mil assinaturas de uma petição. A comoção acabou fazendo com que o CEO da empresa, Adam Mosseri, se pronunciasse sobre o caso e até desse uma breve pausa na "tiktokização" da plataforma. Ele afirmou que as fotos vão continuar existindo, mas que o caminho para uma maior presença dos vídeos é inevitável. "Estou feliz que assumimos o risco, se não falharmos de vez em quando, não estamos pensando grande o suficiente, ousado o suficiente" disse sobre a qualidade das mudanças.

PODER Com 363 milhões de seguidores, Kylie Jenner é a segunda pessoa mais seguida do Instagram: ela criticou as mudanças

Vale lembrar que da última vez que Kylie Jenner, a segunda pessoa mais seguida do Instagram, reclamou de uma rede social em público, a empresa em questão se tornou irrelevante. Em 2018, após dizer que não usava mais o Snapchat, o aplicativo perdeu US$ 1,3 bilhão na bolsa de valores, sendo esquecido pelo grande público apenas alguns meses depois da crítica da empresária. Para Mariana Musis, professora de Marketing e Comportamento do Consumidor da Universidade Presbiteriana Mackenzie, o TikTok já está presente em diversas esferas da sociedade, como na indústria musical. "O problema não está só nas fotos, mas também nas músicas que precisam ter um refrão de 15 segundos para caber no formato do vídeo", diz. Como o algoritmo das redes está cada vez mais afiado aos gostos do usuário, um ponto positivo dessa transformação é o fortalecimento do bom conteúdo. "Quem produz vídeos com qualidade vai ter um maior alcance", diz Mariana. Será que vai funcionar? ■

MONTAGEM SOBRE FOTO: NILSON CARDOSO. FOTO: RICH FURY/VF20/GETTY IMAGES FOR VANITY FAIR

Democracia e liberdade de imprensa.

Não existe democracia sem liberdade de imprensa. E não existe liberdade de imprensa sem democracia, que tem como pressuposto um Estado de Direito alicerçado no respeito aos resultados eleitorais.

Com base em seus princípios de defesa das liberdades de imprensa, de opinião e informação, as entidades da comunicação abaixo subscritas vêm a público reafirmar seu compromisso com o Estado de Direito e as decisões soberanas das eleições, referendadas por uma Justiça Eleitoral cuja atuação tem sido reconhecida internacionalmente.

As entidades também reforçam a importância da atividade ampla e independente da imprensa livre no combate à desinformação que tanto mal causa às democracias. E ressaltam que apenas em ambientes de liberdade política, de solidez das instituições e de pleno respeito à Constituição a missão jornalística pode ser levada aos brasileiros com a abrangência e transparência que as democracias exigem.

Brasília, 2 de agosto de 2022.

ENCONTRO DO VIOLÃO BRASILEIRO

Um cartão que te leva ao mundo da arte, emoção e diversão.

No Rio de Janeiro também tem um Centro Cultural Banco do Brasil para você usar seu Ourocard com benefícios exclusivos. Pré-venda e meia-entrada na compra de ingressos, descontos em restaurantes, cafés e livrarias dos espaços e muito mais. Confira a programação e venha se inspirar.

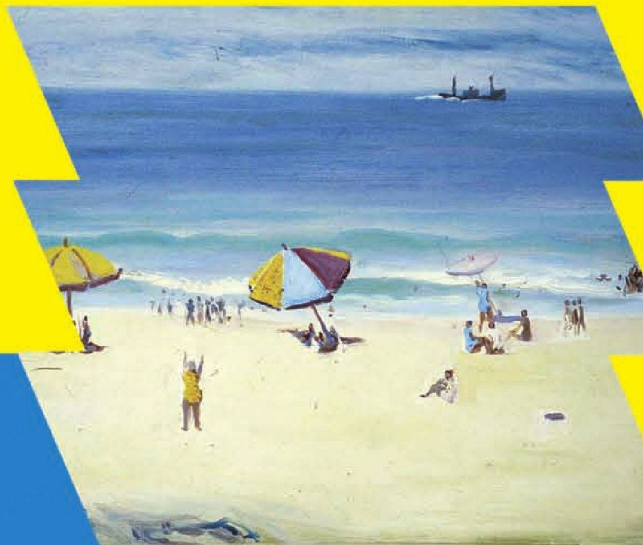
PROGRAMAÇÃO

ESPETÁCULO
Amanda 10/8 a 4/9

EXPOSIÇÃO
Playmode Até 12/10

EXPOSIÇÃO
Portinari Raros Até 12/9

APRESENTAÇÃO
Encontro do Violão Brasileiro 24/8 a 14/9

PORTINARI RAROS

E MAIS

Programa Educativo de 4ª a 2ª, com programação especial no Dia do Folclore, 22 de agosto

Pasolini 100 Anos – Por uma Longa Estrada de Areia: uma Reportagem de Pier Paolo Pasolini e Paolo Di Paolo 2/7 a 1º/8

Através do Tempo – Mostra Audiovisual Chinesa 20/7 a 1º/8

Música no Museu Quartas, às 12h30

Coral Tutti Choir – 80 Anos de História 27 e 28/8

Clube de Leitura CCBB 2022 10/8 e toda 2ª quarta-feira do mês, às 16h

Diálogos com a Programação – Palestra da Exposição Portinari Raros 20/8, às 15h

Palestra O Futuro do Trabalho, com Herman Bessler 3/8

Palestra Empreendedorismo Ecológico, com Mário Haberfeld 17/8

Pocket Show, com Duda Brack 26/8

Junta Local no CCBB 6/8, das 10h às 17h

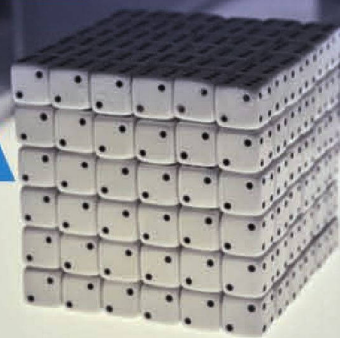
Museu Banco do Brasil – O Banco do Brasil e Sua História Exposição permanente

Biblioteca – de 4ª a 2ª, das 9h às 21h

Espaço Conceito – Atendimento bancário apenas em dias úteis, das 9h às 17h

PLAYMODE

AMANDA

por Elba Kriss

Gente

Aprendiz de feiticeiro

Rupert Grint, intérprete do bruxo Ron Wesley na franquia *Harry Potter*, causou alvoroço entre os fãs durante sua passagem pelo Brasil. Ao participar do festival UcconX, em São Paulo, o astro de 33 anos revelou o curioso nome da filha, Wednesday (Quarta-Feira), e contou que ela já dá os primeiros passos no mundo da franquia que lhe trouxe fama: "Ela tem dois anos e já tem uma varinha". Disse ainda que eles assistem aos filmes juntos e já sabe até fazer um feitiço: "Já a ensinei a fazer o *Wingardium Leviosa* [feitiço de levitação]", diverte-se.

A fórmula mágica do corpo de J-Lo

A boa forma de Jennifer Lopez é de fazer cair o queixo de qualquer um. Ao divulgar um ensaio fotográfico em que ficou nua para promover sua linha de produtos, no entanto, a cantora e atriz foi criticada pelo excesso de retoques nas fotos. O fato é que, após fazer publicidade de seus cremes, ela mesma admitiu que cresceu vendo a luta sem fim de sua mãe contra a celulite. "Lembro de vê-la desejando que houvesse uma fórmula mágica que fizesse esse problema desaparecer", disse. "A verdade é que sabemos que isso não existe", confessou a estrela. Quem não está muito preocupado com o assunto é seu eleito, o ator Ben Affleck: os dois preparam uma disputadíssima festa de casamento para as próximas semanas em Hollywood.

O sucesso de Pantanal

Se há um fenômeno em *Pantanal*, da Globo, é **Isabel Teixeira**. A intérprete de Maria Bruaca conquistou o público como a mulher maltratada pela vida e pelo marido. Entre sequências cômicas e dramáticas, o talento da atriz de 48 anos vem cativando os telespectadores. Ela, no entanto, confessa que estranha o clamor. "Ainda não entendi direito. Acho que precisa de um pouco de distanciamento histórico para compreender a amplitude disso", diz à ISTOÉ. Nas redes sociais, seu nome está entre os assuntos mais comentados: "Estou aprendendo a usar o Twitter", diverte-se. "E tenho percebido que o alcance é grande". Até o final da produção, Bruaca roubará a cena mais vezes. Como uma onça, Isabel defende sua personagem. "É preciso coragem para dar um passo no compasso do seu coração. A Bruaca vive um processo de mudança, que é o que faz com que mulheres e homens se identifiquem com ela".

Vilã em turnê

Antagonista em *Além da Ilusão*, da Globo, a atriz **Duda Brack** se diverte com as maldades em sua estreia na TV. Sua personagem, Iolanda, foi uma pedra no sapato de Isadora, interpretada por Larissa Manoela: "Acho mais gostoso fazer a vilã. Confesso que os papeis que tenho fetiche em fazer são os mais malucos, fora da curva, conflituosos e apimentados". Com o término da novela, a atriz, que também é cantora, se prepara para viajar pelo Brasil. "Em agosto retomo minha agenda de shows. Estou montando a agenda da turnê de *Caco de Vidro*, meu segundo disco", comemora. "Em alguns shows, teremos até a participação de Ney Matogrosso".

Debate necessário

***Marieta Severo** marcou uma geração como Dona Nenê em* A Grande Família*, da Globo. Hoje, a atriz está em cartaz no cinema em um potente papel de mãe em* Aos Nossos Filhos*. Na história, ela vive Vera, uma mulher que não consegue aceitar a união homoafetiva da filha. A temática LGBTQIA+ levanta um debate necessário: "Ainda existe preconceito, tanto nas gerações passadas como entre as novas", afirma a veterana. O longa é baseado na peça homônima de Laura Castro, que retrata experiências de sua própria vida. Para ela, o filme é importante diante da "onda de retrocesso que vive o País". A diretora Maria de Medeiros também elogia o enredo: "O texto vem da experiência da autora como mãe de três filhos com outra mulher". Marieta, por sua vez, prova que, seja no humor ou no drama é, cada vez mais, a "mãezona" da TV e do cinema brasileiro. "Vou torcer por personagens que me tornem a avó do Brasil".*

Ao mestre com carinho

Encerrado o reality show *The Voice Kids 2022*, na Globo, **Carlinhos Brown** retoma seus projetos na música. Em setembro, o artista será o anfitrião do Lalata – II Festival Internacional de Percussão. O evento receberá renomados instrumentistas no Candyall Guetho Square, em Salvador (BA). "Estaremos homenageando os maiores mestres da história rítmica no mundo, como Naná Vasconcelos", anunciou. "São nomes que transformaram a história percussiva mundial". Vasconcelos morreu em 2016, apenas dez dias após a primeira edição do festival.

FOTOS: REPRODUÇÃO INSTAGRAM; DANIELLA MIDENGE/@JLO/DIVULGAÇÃO; MARLENE BERGAMO/FOLHAPRESS; DIVULGAÇÃO; TOUCHÉ/DIVULGAÇÃO; LÉO AVERSA/DIVULGAÇÃO

Sucata virou mina de ouro

Atualmente, apenas **5% do lixo** produzido no País é **reciclado**. Mas grandes **empresas** e **ONGs** estão provando que o setor **pode trazer dinheiro**, atrair empreendedores e **gerar empregos**

Mirela Luiz

CENTRO DE COLETA NOVELIS
Pindamonhangaba — São Paulo

Há tempos que o lixo deixou de ser visto como problema e passou a ser considerado uma oportunidade para empreender. Diante da gravidade da situação ambiental e econômica mundial, iniciativas na área são consideradas cada vez mais urgentes. E essa constatação, que já mobiliza os países desenvolvidos, tem avançado cada vez mais no Brasil, fazendo grandes empresas expandirem sua atuação.

O País ainda tem muito a avançar nessa agenda. Para se ter uma ideia, apenas 5% dos materiais potencialmente recicláveis chegam a ser de fato aproveitados no Brasil. O índice é ainda pior no caso dos resíduos orgânicos. Eles representam cerca 50% do lixo doméstico brasileiro; contudo, estes materiais possuem baixa taxa de recuperação – estima-se que apenas 0,2% dos materiais orgânicos são recuperados por técnicas de reciclagem. Somados aos resíduos de atividades agrícolas e industriais, há uma geração anual de 800 milhões de toneladas que poderiam ser utilizadas.

A Gerdau e a Novelis, que são pioneiras na América Latina em reciclagem de sucatas, provam que vale a pena investir no setor, como já fazem China, África do Sul, Argentina e Chile. Segundo Juliana Campedelli, gerente de conhecimento da ONG Artemísia, somente 5,3% dos materiais secos potencialmente recicláveis foram de fato reciclados em 2019. "Isso significa que boa parte desses materiais ainda é destinada a aterros e lixões", afirma, explicando que a Artemísia, juntamente com a Gerdau, mapeou as tendências na área de reciclagem.

GERAÇÃO DE EMPREGOS

A cada 10 T de resíduo processado

Empregos	Atividade
404 EMPREGOS	REPARAR
115 EMPREGOS	RECICLAR
55 EMPREGOS	REMANUFATURAR
07 EMPREGOS	COMPOSTAR
02 EMPREGOS	INCINERAR

Fonte: Tese de impacto socioambiental em reciclagem |artemísia e gerdau

A Gerdau hoje tem na sucata uma importante matéria-prima: 73% do aço que produz é feito a partir desse material. Todo ano, segundo o CEO da empresa, Gustavo Werneck, 11 milhões de toneladas de sucata são transformadas em diversos produtos de aço. Este ano, por exemplo, o palco do Rock in Rio será feito somente com aço reciclavel da companhia, mostrando que há uma infinidade de destinos para esse tipo de resíduo. "O aço é um material que pode ser reciclado infinitas vezes sem perder suas propriedades. Além disso, a reciclagem tem efeitos positivos na mitigação das mudanças climáticas, porque poupa recursos naturais, reduz o consumo de energia e a emissão de gases de efeito estufa. E é uma importante fonte de renda para

FOTO: ISTOCKPHOTO

muitos brasileiros", destaca o executivo.

Atuando desde 2013 com o projeto Gestão de Cooperativas, a Novelis, em parceria com a ONG Reciclázaro, também faz do lixo uma fonte de lucro. "Toda vez que a companhia aumenta a capacidade de laminação para a produção de chapas de alumínio, aumenta também a capacidade de reciclagem do metal", diz Eunice Lima, diretora de relações governamentais da companhia na América do Sul. Para ela, o modelo de negócio baseado na economia circular já é um sucesso no Brasil. "Conseguimos tanto sucesso nesse jeito de fazer negócio que queremos expandir para outros países da região", explica. De acordo com a executiva, em 2021 a empresa bateu o recorde do Índice de Reciclagem de latinhas no Brasil, reaproveitando 21 bilhões de latas de alumínio.

Olhando pelo viés de oportunidade, de empreendedorismo e de emprego, existem vários caminhos. É o caso de organizações que criam programas de incentivos, de alternativas de destinação em condomínios e que incentivam o engajamento da população em geral. Uma dessas empresas é o Grupo Muda, que implementa a infraestrutura para coleta seletiva em condomínios, oferece um aplicativo com plano de fidelidade e cuida de toda a logística de retirada e transporte dos resíduos até as cooperativas de catadores de recicláveis de baixa renda.

CAPACITAÇÃO

Alexandre Furlan, fundador do Muda, conta que desenvolveu o programa de educação de moradores de condomínio, ainda quando estudante de gestão ambiental, em 2009. "O grupo nasceu do meu desejo de reciclar meu lixo e hoje temos duas áreas de atuação: fazemos a implementação da coleta seletiva de cerca de 800 condomínios da cidade de São Paulo, desde o projeto até a coleta nas cooperativas", explica.

Estudos apontam que o Brasil tem alto potencial para se empreender, expandir negócios e gerar empregos – pelo menos um milhão de vagas. Com a regulamentação do Recicla+, lei sancionada em 2010 e regulamentada em janeiro 202, o mercado de reciclagem ganhou mais fôlego e deixou empreendedores como Furlan mais otimistas. "Hoje o mercado avançou demais, principalmente por conta da lei. No meu nicho isso foi essencial, porque pegou na goela dos empresários, já que se você não fizer a logística reversa você não tem a licença da Cetesb, a agência ambiental do governo paulista", argumenta. ■

Brincando com fogo

Ainda são desconhecidas as motivações para a viagem de Nancy Pelosi a Taiwan. A presidente da Câmara dos EUA diz que foi "apoiar a democracia". Analistas acham que a visita pode agravar a guerra na Ucrânia **Denise Mirás**

Desde o massacre da Praça da Paz Celestial, em 1989, a deputada Nancy Pelosi se mostra uma defensora aguerrida de reformas na China. Desta vez, a presidente da Câmara dos EUA pode ter cruzado uma linha perigosa da política externa americana. Tornou-se a mais alta autoridade dos EUA a visitar Taiwan em 25 anos, deixando o regime de Pequim furioso. Para a China, a ilha que se considera independente é uma província rebelde. A visita de Pelosi causou temor, mas afinal não levou a um desastre nuclear, como o mundo chegou a temer. As escaramuças militares dos dois lados acabaram diluídas em declarações fortes do governo chinês e a um apaga-fogo por parte dos EUA. Mas a atitude belicosa da política de 82 anos, que declarou ostensivamente ter ido apoiar a democracia local, provocou reações imediatas de Pequim. Taiwan está cercada por mar e ar e sofrendo sanções econômicas, como o corte de importações. Para as autoridades taiwanesas, a palavra para isso é bloqueio.

O presidente Joe Biden se mostrou ambíguo: ainda em junho, chegou a criticar a insistência da líder da Câmara em ir a Taiwan, mas não tentou dissuadir a correligionária. Enquanto outros parlamentares democratas se manifestavam contra a visita inoportuna, o ex-secretário de Defesa John Kirby já se antecipava a uma crise diplomática ao dizer que a visita à ilha não entraria em conflito com a política americana em relação à China. O suspense se manteve até o início do "tour", que mencionava apenas o arco Filipinas-Singapura-Coréia do Sul-Japão.

Para Roberto Goulart Menezes, professor do Instituto de Relações Internacionais da UnB, a viagem de Pelosi reforça a presença dos EUA no Pacífico, onde o país tem várias bases militares desde a Segunda Guerra Mundial. "É bom para o governo Biden, que passará por um teste em novembro, com as eleições legislativas de meio de mandato. Enquanto a China eleva a temperatura, ele segue cozinhando em banho-maria", observa. Ou seja, enquanto Pelosi se expõe, ele não se compromete, mas espera que a atitude da deputada ajude os democratas. "Desde a crise de 2008, há um consenso entre a elite política americana de que a China é cada vez mais ameaçadora, além de inimiga."

RISCO DE CONFLITO

Pelosi é a segunda na linha de sucessão da Presidência dos EUA, depois de Kamala Harris, a vice de Biden. Por isso, o mais significativo de sua passagem "carnavalesca", como citaram alguns, foi o encontro com a presidente Tsai Ing-wen, chefe do governo local desde a eleição de 2016 — o que aumentou a pressão militar e diplomática sobre a ilha. Ainda há grande controvérsia internacional sobre o status de Taiwan, nação que é considerada de certa forma um resquício da Guerra Fria. Em 2005, a China aprovou lei que permite intervenção armada em caso de declaração formal de in-

FOTOS: CHIEN CHIH-HUNG/OFFICE OF THE PRESIDENT/GETTY IMAGES; KEVIN FRAYER/GETTY IMAGES

dependência por parte do governo local. Se a democrata deu sua missão por cumprida e levantou vôo, seguida por navios e aviões americanos, continua em aberto o que ainda esperar da China em relação ao episódio. Por enquanto, a reação levou ao cerco da ilha, com exercícios militares em manobras marítimas e áreas e armamento real, o que inclui o lançamento de mísseis a partir do continente.

Biden parece mostrar um certo arrependimento pela crise ocasionada por sua correligionária, que de toda forma não esteve sozinha em sua decisão, na avaliação de Flavia Loss, professora de Ciência

DESAFIO Encontro da deputada americana Nancy Pelosi com Tsai Ing-wen, a presidente de Taiwan, provocou reação imediata do governo da China

“A China tomará todas as medidas para salvaguardar sua soberania”
Nota do governo Xi Jinping

Política da FESPSP. “Pode até ter havido um certo voluntarismo por parte dela, que faz parte de um grupo dentro do Partido Democrata conhecido por provocações. Mas foi uma viagem desnecessária no momento. Não é o que o mundo precisa”, argumenta. Inclusive porque EUA e China mantêm interdependência econômica, principalmente em manufatura e tecnologia — o que ficou ainda mais evidente durante a pandemia. “Não faz sentido alimentarem uma escalada de animosidade”, observa.

Mesmo assim, o episódio ainda pode ter desdobramentos. Os EUA e a Europa dependem da neutralidade da China em relação à guerra na Ucrânia. Se Xi Jinping auxiliar decisivamente Vladimir Putin com recursos e armas, o conflito na Europa pode se somar a outra frente de tensão na Ásia, com uma nova Guerra Fria entre EUA e o gigante chinês, com ondas de choque globais. ■

Cultura

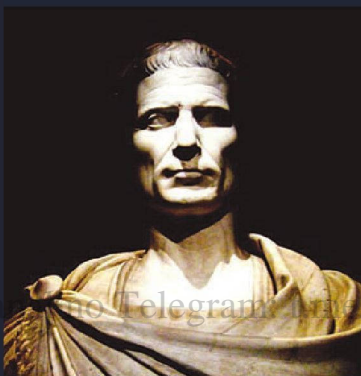
NARCISISTA
Donald Trump: egocentrismo potencializado pelas redes sociais

Loucos pelo poder

Obra do professor de psicologia Christopher J. Ferguson analisa a personalidade dos líderes mundiais ao longo dos séculos e conclui: a história não seria a mesma sem seus atos de insanidade

Quando vemos um diplomata discursando na ONU ou um cientista explicando a energia solar temos a impressão de que o mundo é civilizado e a razão define os rumos do planeta. Nada mais distante da realidade: *Como a Loucura Mudou a História – Um Elenco Excêntrico de Governantes Maníacos, Narcisistas Delirantes e Visionários Psicóticos*, novo livro do norte-americano Christopher J. Ferguson, professor de psicologia da Stetson University, traz uma investigação minuciosa sobre a influência da insanidade no comportamento dos líderes mundiais ao longo dos séculos.

O fenômeno começa na Antiguidade, com Alexandre, o Grande, na Grécia, e Calígula, em Roma. Filho de Filipe II da Macedônia, Alexandre fora aluno de Aristóteles e herdou a força física e a liderança do pai. Após chegar ao trono, uniu o país e invadiu com sucesso o poderoso Império Persa, redesenhando o mapa do globo e mudando a história para sempre. Segundo Ferguson, a decisão equivaleria hoje a ver o Canadá conquistando não apenas os EUA, mas todo o hemisfério ocidental.

"Suspeito de que Alexandre tivesse o que hoje chamamos de transtorno de personalidade narcisista (TPN), junto com a dependência de álcool. São indivíduos com uma noção grandiosa de sua própria importância, seres arrogantes que carecem de empatia para com as necessidades dos outros", explica o autor. Como seria o mundo, no entanto, se o líder grego não tivesse essas características? Já Calígula recebe um diagnóstico mais técnico. Danos nos lobos frontais do seu cérebro podem ter causado sua famosa impulsividade paranóica. Mas muitos dos seus atos de crueldade, que geralmente são vistos apenas como loucura, escondiam razões bastante coerentes: o assassinato de inocentes, por exemplo, tinha como objetivo o confisco dos bens das vítimas ricas.

PARANÓIA O chinês Mao Tsé-tung (ao alto) e o grego Alexandre, o Grande (acima): arrogância e deprezo pelos inimigos

Como a Loucura Mudou a História
Christopher J. Ferguson
Ed. Nova Fronteira
Preço: R$ 59

É importante ressaltar que a obra lembra que os conceitos de doença mental, pelo menos em parte, também são definidos pelo contexto cultural. Há casos de diagnósticos sigilosos, como o transtorno depressivo maior do presidente norte-americano Abraham Lincoln, mas muitas avaliações médicas eram, muitas vezes, sujeitas a subjetividade, ignorância patológica ou, simplesmente, desejo de agradar (ou criticar) os pacientes. O livro traz personagens, porém, sobre os quais não cabe discussão. É o caso de Joana, a Louca, na Espanha, ou Jorge III, na Inglaterra. E há longos capítulos dedicados a governantes totalmente desprovidos de empatia humana, como Adolph Hitler, Joseph Stálin e Mao Tsé-tung, "o mais desprezível louco da história,", segundo Ferguson.

Os leitores encontrarão narrativas interessantes sobre personagens menos conhecidos do passado, como Elizabeth Bathory, da Hungria, a cruel "Condessa de Sangue", talvez a maior "serial killer" da história. Mas a curiosidade dá lugar à análise política atual quando lemos as avaliações de Ferguson sobre personagens contemporânemos, como o ex-presidente norte-americano Donald Trump e o autocrata russo Vladimir Putin – que mereceu, inclusive, um capítulo extra após a invasão da Ucrânia (o texto original era de 2020). Embora tenham surgido em culturas diametralmente opostas, ambos compartilham características semelhantes: o narcisismo exacerbado e o egocentrismo sem limites. Segundo Ferguson, porém, esse comportamento é potencializado pela audiência imediata das redes sociais e as infinitas possibilidade de vigilância dos adversários políticos. São mais sintomas que causas da loucura intrínseca ao nosso momento sociopolítico, na qual pessoas com visões diferentes se tornam inimigas e devem ser derrotadas a qualquer preço. Infelizmente, o livro não trata sobre o Brasil – seria curioso ver a análise do pesquisador sobre o cenário político do País. ■

FOTOS: CHIP SOMODEVILLA/GETTY IMAGES; BETTMANN/GETTY IMAGES; REPRODUÇÃO; DIVULGAÇÃO

REI do streaming

O britânico Ed Sheeran atingiu a marca histórica: 100 milhões de fãs em uma plataforma digital. O número de seguidores é o novo parâmetro de sucesso da indústria fonográfica

Felipe Machado

CAMPEÃO
Ed Sheeran: segundo o Spotify, um em cada quatro usuários gosta dele

Em 1887, o alemão Emil Berliner inventou o gramofone, equipamento que reproduzia áudios em um disco de goma-laca, também chamado de "78 rotações" graças à velocidade com que girava. Lidas por uma agulha, as vibrações sonoras eram amplificadas por uma corneta de metal. No início, era usado para gravar discursos, mas logo o engenheiro percebeu que seria bem mais interessante registrar os concertos das grandes orquestras da época. No início do século 20 a goma-laca foi trocada pelo vinil, e o disco passou a rodar mais lentamente para guardar mais informações: era o *Long Playing Record*, o famoso "LP". Depois da fita cassete, nos anos 1950, o engenheiro holandês Kees Schouhamer Immink e o japonês Toshitada Doi desenvolveram em 1970 um disco óptico digital que era lido por um dispositivo a laser: nascia o CD. O formato reinou absoluto até 1999, quando o site Napster digitalizou enormes quantidades de música e disponibilizou o material em formato MP3, online e de graça. Era o início do sistema que acabaria com todos os outros: o streaming.

Com exceção dos puristas, audiófilos e colecionadores, a maior parte da população atualmente ouve música por streaming. Hoje, os artistas brigam pelos fãs digitais e pelos cliques nas diversas plataformas disponíveis, mercado concentrado em pouquíssimas empresas que ditam as regras baseadas apenas em tecnologia, sem nenhuma ligação com a qualidade dos artistas ou da música em si. Quem manda nesse mundo não são

FOTOS: DIVULGAÇÃO; ISTOCKPHOTO; MICK HUTSON/REDFERNS

QUALIDADE Pink Floyd: banda inglesa é a líder mundial para os assinantes do Qobuz

A guerra pela audiência

A batalha pelo streaming é liderada pelo Spotify, mas mobiliza outros gigantes do mundo digital: Google (Youtube Music), Amazon (Amazon Music), Apple (Apple Music) e até o TikTok (Resso). Há ainda o Deezer, hoje a maior ameaça ao Spotify, e empresas específicas como SoundCloud e Beatport, voltadas aos DJs. Para quem deseja uma qualidade maior de som, porém, os principais players são o Tidal e a Qobuz: o primeiro usa o sistema Dolby Atmos, de alta fidelidade; o segundo vale-se do Hi-Res, que respeita os timbres e dinâmicas concebidas pelos engenheiros de áudio. O artista favorito do Qobuz é a banda Pink Floyd, seguida dos Beatles e David Bowie – uma prova de que a qualidade sonora vem acompanhada de bom gosto musical.

os músicos ou as gravadoras, nem sequer o público: são os algoritmos.

A plataforma Spotify é a líder de mercado, apesar da concorrência brutal. Nessa semana, um músico rompeu uma barreira histórica que servirá de parâmetro para muitas carreiras daqui em diante: o britânico Ed Sheeran ultrapassou os 100 milhões de fãs no Spotify. Aos 31 anos, o cantor alcançou esse feito graças ao sucesso de singles como *Shape of You* e *Bad Habits*, além de quatro álbuns batizados com sinais matemáticos: + (2011), *x* (2014), ÷ (2017) e = (2021). Na sequência estão as cantoras Ariana Grande (81,64 milhões), Billie Eilish (66,18 milhões), o rapper Drake (65,40 milhões) e o galã teen Justin Bieber (63,49 milhões).

Quem está surpreso por não conhecer esses artistas, ou por estranhar que outros nomes mais populares não estejam na lista, não deve se preocupar: a culpa é do algoritmo. Esses programas desenvolvidos pelas empresas seguem lógicas próprias e constituem a alma do negócio das companhias – segredos de bilhões de dólares. Em última instância, são esses sistemas que decidem o que faz sucesso ou não no mundo, não o gosto musical dos seres humanos.

E no Brasil? Quem, na sua opinião, seria o campeão de seguidores? Anitta? Ivete Sangalo? Roberto Carlos? Nada disso: a posição é ocupada pela diva sertaneja Marília Mendonça, cujo EP póstumo, *Decretos Reais – Vol. 1*, lançado há duas semanas, teve tantos acessos que o tráfego chegou a causar instabilidade no Spotify. Foram mais de três milhões de audições apenas nas primeiras 24 horas após o lançamento. Marília tem 25,9 milhões de seguidores, bem mais que o dobro de fãs de Anitta (11,9 milhões). Isso não significa que Marília é tão mais famosa assim que a estrela carioca, mas que uma combinação do número de audições, repetições, sugestões feitas pelo próprio aplicativo, enfim, milhares de informações lidas pelo algoritmo, acabam tornando o perfil dela mais popular.

Nem a própria Anitta pode reclamar: a funkeira já foi acusada de tentar burlar o algoritmo para divulgar o seu single *Envolver*, por meio de técnicas consideradas abusivas pela empresa, como o uso de robôs por fãs-clubes e linhas VPN, que reproduzem mais vezes a mesma música. O problema não é apenas de ego: esses números valem muito dinheiro repassados pelas plataformas aos artistas. Nessa briga, quem sai perdendo são os artistas jovens e independentes, que não tem bala para brigar com as estratégias de marketing dessas grandes estrelas. E, com isso, recebem migalhas pelas audições de suas canções, num ciclo vicioso e nocivo para qualquer tipo de indústria criativa. E traz dúvidas até sobre o recorde de Ed Sheeran: como o O Spotify tem hoje 422 milhões de usuários ativos, isso significa que um entre quatro usuários da plataforma é fã do músico britânico – uma média impressionante até para um artista tão bem sucedido. ■

RAINHA Marília Mendonça morreu, mas ainda é a campeã de seguidores no Brasil: 25,9 milhões de pessoas

TALENTO
Johnny Marr: de cobiçado guitarrista contratado a bem-sucedido artista solo

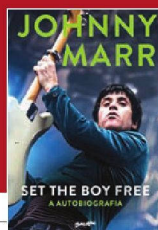
MÚSICA

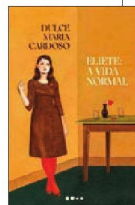
A guitarra pop de Johnny Marr

Autobiografia do fundador da banda The Smiths revela uma vida dedicada ao instrumento e à rotina no estúdio

"Quando começamos a tocar a primeira música, soamos tão bem que fizemos o que toda banda faz nessa situação: começamos a rir." Quem conhece o estilo melancólico dos britânicos do The Smiths dificilmente imaginaria que a sessão de estreia do grupo em um estúdio geraria uma reação tão divertida. Essa é uma das boas revelações contidas em *Set the Boy Free*, autobiografia do guitarrista Johnny Marr. Considerado um dos músicos mais criativos de sua geração, ele lembra o amor pelo instrumento ainda na adolescência, época em que se uniu ao cantor Morrissey na cidade de Manchester. Dos primeiros shows do The Smiths na casa noturna Haçienda às grandes turnês nos EUA, o livro é uma viagem pelo universo pop dos anos 1980, com detalhes sobre o relacionamento entre os artistas do período e abundantes informações técnicas sobre os modelos de guitarras que Marr acumulou ao longo dos anos. Após o fim da parceria com Morrissey, ele tornou-se um cobiçado músico contratado, tendo dividido o palco com The Pretenders, The The, Modest Mouse e o projeto Electronic, parceria com Bernard Summer, ex-New Order. Após tocar com tanta gente, Johnny Marr narra o processo que o levou a se tornar um bem-sucedido artista solo, assumindo o posto de vocalista e elevando a música pop à condição de arte.

INFLUENTE DESDE OS ANOS 1980

O livro *Set the Boy Free* (capa abaixo) mostra que poucas grupos tiveram tanto impacto quanto o The Smiths. Fundada em 1982, a banda durou apenas cinco anos, tempo suficiente para que a dupla Morrissey-Marr revolucionasse o som pop com suas melodias originais e letras que remetiam aos escritores britânicos W. B. Yeats e Oscar Wilde. Foram os pioneiros de uma leva de artistas que conquistariam o mundo nos anos seguintes, entre eles Depeche Mode, U2, New Order e The Cure.

PARA LER

O romance ***Eliete: A Vida Normal***, da premiada escritora portuguesa Dulce Maria Cardoso, é um retrato de três gerações de mulheres de uma família. O relato sensível viaja da vida em Portugal sob o regime de Salazar aos dias de hoje.

PARA VER

Uma das melhores séries brasileiras de suspense ganha segunda temporada: ***Bom Dia, Verônica*** (Netflix) terá novos personagens interpretados por Reynaldo Gianeccini e Klara Castanho, além de Tainá Muller no papel principal (na foto, ao centro).

PARA OUVIR

O novo álbum da cantora **Beyoncé**, *Renaissance*, traz homenagens à comunidade LGBTQIA+ e retoma o clima das discotecas do final dos anos 1970. Tem ainda a participação de seu marido, Jay-Z, e de Nile Rodgers, líder do grupo Chic.

FOTOS: FRASER TAYLOR; DIVULGAÇÃO; REPRODUÇÃO; CARLIJN JACOBS; JOSÉ LUIZ PEDERNEIRAS

por Felipe Machado

DOCUMENTÁRIO

Os 40 anos de carreira dos Titãs

No início, eles eram oito integrantes – todos cantavam e se revezavam nos instrumentos. Hoje, dos membros originais, estão apenas Tony Bellotto, Branco Mello e Sérgio Britto. Mas o "pulso ainda pulsa", como diz uma de suas canções mais famosas. Para celebrar a trajetória de quatro décadas de sucesso, os Titãs ganharam o documentário ***Bios – Vidas que Marcaram a Sua*** no streaming Star+. No programa, todos os músicos que passaram pela banda dão entrevistas com suas visões sobre o passado e presente do grupo.

DANÇA

Grupo Corpo homenageia MPB

Fundado em 1975 pelos irmãos Rodrigo e Paulo Pederneiras, os mineiros do grupo Corpo **abrem a temporada** de dança no Teatro Alfa, em São Paulo. Assim como fizeram em seu primeiro espetáculo, *Maria Maria* (1976), inspirado pela canção de Milton Nascimento, seus novos balés homenageiam dois grandes compositores baianos – ambos completam 80 anos em 2022. *Onqotô* traz trilha composta por Caetano Veloso em 2005, em parceria com José Miguel Wisnik, e *Gil Refazendo* traz música escrita por Gilberto Gil, em 2019.

ORQUESTRA

Império Contra-Ataca em concerto

Os fãs de ***Star Wars*** poderão viver em breve uma experiência única: assistir ao melhor filme da saga, *O Império Contra-Ataca*, acompanhados de uma orquestra composta por 82 músicos interpretando ao vivo sua premiada trilha sonora. A apresentação acontece em 13/8 no Vibra São Paulo, na capital paulista. O concerto será executado pela Orquestra Sinfônica Villa-Lobo, com regência do maestro Adriano Machado, e foi aprovada pelo próprio compositor, John Williams.

CINEMA

Uma bomba no meio do caminho

Fenômeno editorial que vendeu mais de 700 mil exemplares no Japão, ***Trem-Bala***, do autor Kotaro Isaka, ganhou adaptação para as telas estrelada por Brad Pitt. O ator faz o papel de um assassino incompetente que é recrutado por uma empresária (Sandra Bullock) para coletar uma maleta em um trem-bala que viaja de Tokyo a Morioka. Além dos outros criminosos que também estão atrás da mala, Pitt tem um problema ainda maior: uma bomba ameaça o trajeto do trem.

por Mentor Neto

Escritor e cronista

CANCELAMENTO DEMOCRÁTICO

Faz algumas semanas, Nelson Piquet foi cancelado. Coroando uma carreira de anos emitindo comentários de gosto e educação duvidosos, Piquet disparou uma frase racista contra Lewis Hamilton e o inglês, como não poderia deixar de ser, expôs as palavras de Piquet a todo o mundo.

E, as pessoas, também como não poderia deixar de ser, cancelaram Piquet.

Cancelar equivale a tirar o megafone da internet daqueles que emitem comentários racistas, homofóbicos, machistas e por aí vai.

É a resposta democrática da internet para aqueles que não sabem utilizar o espaço que têm ou que não se preocupam em guardar para si seus pensamentos nefastos.

Ser cancelado não é coisa pouca, apesar de parecer uma bobagem.

Há quatro anos, apesar de estar longe de ser uma celebridade e não ter sido "cancelado", senti na pele os efeitos de não ser capaz de falar nas redes sociais.

Isso aconteceu quando meu terceiro livro (à venda nas melhores livrarias do ramo, enquanto ainda existem livrarias), foi lançado numa quarta-feira, em 2018, três dias depois do domingo no qual Bolsonaro foi escolhido presidente.

Na sexta-feira que antecedeu a votação, depois de meses alertando nas redes sociais dos perigos de ter alguém como ele na Presidência, mudei de estratégia.

Ao invés de criar textos novos, passei a véspera da eleição repostando frases famosas do então candidato.

Aquelas que todo mundo conhece, do tipo: "Tinha que matar uns trinta mil, começando pelo FHC".

Em poucas horas, o Facebook bloqueou minha conta por discurso de ódio.

Às vésperas do lançamento do livro, fui bloqueado porque o algoritmo imaginou que aquelas frases eram de minha autoria.

Ou porque muitos seguidores do presidente resolveram reclamar, nunca vou saber.

Não fui exatamente "cancelado", mas fui impedido de divulgar o evento e o lançamento do livro foi para o vinagre.

Ser cancelado pode parecer uma bobagem para gente como nós, mas para quem deseja, ou precisa ser ouvido, pode trazer consequências catastróficas, veja o caso do Monark, por exemplo

Da noite para o dia perder milhões de seguidores não é fácil.

Para políticos, então, é ainda pior, pergunte para o Arthur do Val.

Por tudo isso, é curioso que alguém tão conhecido, que precisa e utiliza tanto a internet, como nosso presidente, jamais tenha sido cancelado.

E, convenhamos, não faltou motivo.

Quando o assunto é preconceito, seja de cor, raça, gênero, religião, não existe balança para pesar a gravidade ou comparar o valor de uma frase versus outra.

Mas, sem dúvida, nosso mandatário emitiu uma quantidade astronomicamente maior do que qualquer outro cancelado famoso de frases com conteúdo terrível. Doses sem precedente de ódio contra pretos, indígenas, quilombolas, homossexuais, mulheres e quem mais você quiser apontar.

O bloqueio nas redes pode ser mais uma arma contra quem usa a internet para difundir o caos

Me pergunto o porquê de não ter sofrido as mesmas consequências de Piquet, Monark ou Arthur do Val.

Não deve ser porque Bolsonaro é poderoso.

Afinal essa invenção das novas gerações não se submete às regras do poder.

Qualquer um pode ser cancelado, exatamente porque é a mão invisível da internet quem impõe o julgamento.

Agora vem chegando mais uma eleição.

Enquanto Bolsonaro e vozes do Planalto falam claramente sobre tumultuar as ruas no dia Sete de Setembro, para quem sabe, inviabilizar a eleição, esse tal de cancelamento ganha ainda maior importância.

O cancelamento de qualquer político que se atreva a ameaçar a democracia que conquistamos muito antes de existir a rede mundial de computadores, pode ser uma bobagem, mas é mais uma ferramenta para silenciar quem não sabe o que diz, para quem divulga o ódio e o caos social.

E, principalmente, para quem sabe exatamente o que diz e aquilo que diz põe em risco o que temos de mais importante.

Quem sabe nesses próximos meses o botão de cancelamento esteja na ponta dos dedos de todos os brasileiros. Para ajudar a garantir que a tecla das urnas também possa estar.

A opinião do colunista não necessariamente reflete a posição da revista

BEBA COM MODERAÇÃO.
EVITAMOS
A EMISSÃO DE
2.760 TONELADAS
DE CO2 POR ANO
TENDO 100% DOS
NOSSOS CENTROS
DE DISTRIBUIÇÃO
COM ENERGIA
RENOVÁVEL.
OU SEJA:
MENOS POLUIÇÃO
E MAIS ENERGIA
LIMPA.
ESSA INICIATIVA
REPRESENTA
O MESMO QUE
PLANTAR 340 MIL
ÁRVORES POR
ANO.
CONFIRA ESSA
E MUITAS OUTRAS
EM NOSSO SITE:
AMBEV.COM.BR/ENERGIARENOVAVEL
ambev
#PORMAISRAZÕESPARABRINDAR

Plataforma de informação

O jornalismo da **Editora Três** sempre contribuiu para o fortalecimento do Brasil. Entregamos aos leitores o acesso completo à informação e opinião, de maneira ágil e precisa, seja pela internet, redes sociais ou na versão impressa. Por isso, para se manter bem informado e capaz de dialogar sobre os conteúdos relevantes para a sociedade, escolha nossas marcas.

www.istoe.com.br

Uma revista semanal com jornalismo de qualidade, para ajudar o leitor a esclarecer o que é falso e o que é verdadeiro diante dos acontecimentos do Brasil e do mundo.

www.istoedinheiro.com.br

Única revista semanal de negócios, economia e finanças do País, avaliando e informando sobre tudo o que acontece no mercado.

www.revistamenu.com.br

www.revistaplaneta.com.br

e conteúdo

www.motorshow.com.br

A melhor informação para os apaixonados por velocidade, com notícias sobre os esportes a motor, conselhos para o consumidor e avaliações detalhadas sobre os carros à venda no Brasil.

Capas ilustrativas

www.dinheirorural.com.br

A mais completa revista sobre o agronegócio, informando e contribuindo para fortalecer os empresários e investidores do campo.

Todas as informações sobre o mundo das artes visuais e cultura contemporânea no Brasil e no mundo, com projeto gráfico ousado.

www.select.art.br

Já nas melhores bancas de sua cidade.

SAC - Serviço de Atendimento ao Cliente
São Paulo **(11) 3618-4566** • Outras capitais **4002-7334** • Interior **0800 888-2111,** de segunda a sexta das 10h às 16h20 e sábados das 9h às 15h.

Para anunciar

Conecte sua marca ao público mais qualificado do segmento. Entre em contato com nossa equipe e anuncie. **(11) 3618-4269**